

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

RENAN LEANDRO

**PRÁTICAS ARTÍSTICAS DE RE-EXISTÊNCIA
Relato de um Educador**

**PORTO ALEGRE
JANEIRO DE 2025**

RENAN LEANDRO

PRÁTICAS ARTÍSTICAS DE RE-EXISTÊNCIA

Relato de um Educador

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais, pelo Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Paola Zordan

Porto Alegre

2025

CIP - Catalogação na Publicação

Leandro, Renan
PRÁTICAS ARTÍSTICAS DE RE-EXISTÊNCIA Relato de um
Educador / Renan Leandro. -- 2025.
64 f.
Orientadora: Paola Zordan.

Coorientadores: Cristiano Bedin da Costa, Luís
Edegar de Oliveira Costa.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre,
BR-RS, 2025.

1. saberes. 2. memória. 3. descentralização da
cultura. 4. educação popular. I. Zordan, Paola,
orient. II. Bedin da Costa, Cristiano, coorient. III.
Edegar de Oliveira Costa, Luís, coorient. IV. Título.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Nas páginas da memória.....	10
Figura 2 - Teatro na feira.....	13
Figura 3 - Skate For Fun, Or Die!.....	18
Figura 4 - Que se passa, Che?.....	22
Figura 5 - Cultura por aqui.....	25
Figura 6 - Periferia Mambembe.....	29
Figura 7 - A rua é nós.....	31
Figura 8 - Movimento periférico.....	32
Figura 9 - Circuito alternativo.....	35
Figura 10 - Entre artistas e ativistas.....	36
Figura 11 - Pra que(m) serve o teu conhecimento?.....	38
Figura 12 - Circuito Papo Reto nas escolas.....	39
Figura 13 - Mais cultura na escola e na vida.....	41
Figura 14 - Circo da Cultura.....	43
Figura 15 - Expressividade e ludicidade.....	44
Figura 16 - Aprendizagem circular.....	48
Figura 17 - Confecção estêncil do Mestre Moa.....	51
Figura 18 - Estêncil Mestre Moa.....	52
Figura 19 - Estêncil Mestre Moa.....	53
Figura 20 - Estêncil Mestre Moa.....	54
Figura 20 - Estêncil Mestre Moa.....	55
Figura 21 - Estêncil Mestre Moa.....	56
Figura 22 - Estêncil Mestre Moa.....	57

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
TURBULENTO PROCESSO.....	6
A ARTE NA EDUCAÇÃO.....	8
MALOQUEIRO NATO.....	10
VIDA BREVE ALMA LEVE.....	13
OS ROGÉRIOS.....	18
ARS LONGA VITA BREVIS.....	22
DESCENTRALIZAÇÃO DA CULTURA.....	25
EVOÉ! DA QUEBRADA AO MUNDÃO.....	29
O TEATRO COMO INSTRUMENTO DE DISCUSSÃO SOCIAL.....	32
MOSTRA JOGOS DE APRENDIZAGEM.....	34
RESISTÊNCIA POPULAR.....	36
PAPO RETO.....	39
MAIS CULTURA NAS ESCOLAS.....	41
CIRCO DA CULTURA.....	43
EDUCAÇÃO INTEGRAL - FECI.....	44
AÇÃO E MOVIMENTO.....	48
TECENDO SABERES.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	60

RESUMO

O presente trabalho se desenvolve como memorial, relata e pensa a prática docente de expressões artísticas como resistência cultural. Através da narrativa de experiências artísticas e pedagógicas relata a trajetória como artista e educador do autor/pesquisador. Assim, o objetivo desta narrativa é compreender e analisar o contexto histórico, político, social e a vivência de ações culturais e práticas coletivas na formação docente e artística. A partir da escrita autobiográfica dessas experiências e vivências, se propõe o levantamento de questões recorrentes na práxis docente, desde a deglutição canibal dos referenciais lidos e absorvidos, passando pelas ações, emoções, percalços e elementos de naturezas variadas que envolvem a prática pedagógica individual, assim são abordados assuntos como Identidade Cultural, Ação Social, Educação Integral e Pedagogia Libertária.

Palavras-chave: saberes; memória; descentralização da cultura; educação popular.

TURBULENTO PROCESSO

Vou escrevendo assim como me dá na ventura, como um vento, moldando o argumento, sem centro nem norte, levado pelo instinto, levado pela sorte, guiado pela sabedoria ancestral, atento em observação arguta, a ideia aqui é falar da concepção de Arte e Ensino e relacioná-las, são duas ideias difíceis de falar sobre. As perguntas difíceis de responder são sempre as mais instigantes, ou quando uma criança vem lhe perguntar sobre uma palavra e nos foge a resposta, sabe-se o que é e não consegue explicar, ou quando uma palavra pode ter muitos significados, perguntas sem respostas geram bom debate, sem assertivas ou imediatas, abrem-se rotas de buscas, a dúvida é sempre muito propositiva, o que é Arte? Como se faz? Como se aprende? Quem ensina? Onde encontro, onde ensina? São muitas perguntas e tantas/várias/outras respostas, leituras, projeções, expectativas, perspectivas. Vou falar com a minha voz, do meu ponto de vista, do meu lugar de Educador Popular, de Arte-Educador, de Artivista, pois não tenho como escrever isento da experiência que carrego, talvez o que eu tenha pra falar aqui seja sobre compartilhamento de experiências, ações encantadoras e espaços transformadores.

Terminei os estudos para ser professor de Artes, mas já dou aulas há muito tempo, fui aprendendo sendo, as coisas aconteciam/acontecem naturalmente em decorrência de muito trabalho e pesquisa em criação artística, cada novo desafio vai exigindo novas estratégias, com o tempo (e com os mais velhos) descobri que gosto de contar histórias, ajudam a nos aproximar de determinados assuntos. Minha formação artística é experiencial, autônoma, autodidata e empírica, fiz diversas oficinas e *workshops* com renomados e consagrados atores e diretores do Brasil e do exterior, faço teatro desde os 14 anos de idade, me aventuro nas artes desde então, com o teatro pude viajar e conhecer outros lugares, outros povos, outras culturas, são aprendizados e conhecimentos que carregamos na memória, gravados na pele, experiências inspiradoras, vivências e trocas. Os mais velhos davam dicas e indicavam caminhos, vários mestres, respeito a figura do mestre que conduz a brincadeira. Aprendi a gostar de ler, lia tudo sobre teatro, comecei a consumir os bens culturais inacessíveis a minha condição social, como: ir a exposições, shows e ver cinema de arte, isso tudo ia ampliando o horizonte de possibilidades e me

alimentando teoricamente, fui me especializando e instrumentalizando na artesanaria teatral. Tinha vontade, curiosidade e era impulsionado pelos mais velhos. Ter tido contato com o teatro na adolescência foi fundamental no meu desenvolvimento enquanto pessoa, cidadão, artista, pra mim foi transformador e sei da história de colegas e amigos que também tiveram suas vidas transformadas, de experiências semelhantes com outras expressões artísticas, culturais, desportivas. Assim como tive minha vida tocada pela arte, sei que através dela posso tocar outras vidas também. Falo isso tudo pra defender a ideia que: sim é importante oferecer aos jovens o máximo de possibilidades e alternativas, um maior número de experiências com os saberes e fazeres da vida, despertar o interesse pela vida. (Não aos interesses de mercado, que vem o outro como peça de uma engrenagem, e sim como um impulso propulsor de coisas novas).

Um tempo estendido, ou no tempo necessário, saber aproveitar o tempo, a busca por atenção o tempo todo, sem tempo a perder, no tempo deles e no nosso tempo, tempos distintos, outros tempos, o tempo é mestre, nos ensina, com o tempo vamos percebendo as coisas diferentes, fui entendendo que carregava comigo as experiências que ia tendo e que podia compartilhá-las, e com tempo fui aprendendo a dividir o que vinha acumulando, que exige dedicação e sacrifício, rigidez e disciplina, que propõe um diálogo fecundo, que era uma comunhão de saberes, que ao dividir ele se multiplica, o conhecimento se potencializa e reverbera em ações, que as ações coletivas são trocas constantes.

Quando falo em ações encantadoras, falo destas que geram encanto, que envolvem e mobilizam, que criam engajamento, porque estas ações são projetos, ações, projeções, que extrapolam muitas vezes os limites da sala de aula, que acontecem muitas vezes sem o ranço burocrático de um plano pedagógico anacrônico insosso (decorador de datas e comemorações questionáveis), ações que quebram a rotina, movimentam o corpo, junção de corpos, as ações são movimentos, abrem-se espaços de troca, brotam novas ações. Por exemplo, uma ação pedagógica comum que pode ser uma ação encantadora: passeio, todo mundo tem a lembrança de um passeio que fez com a escola, lembro de ir ao cinema e ao zoológico quando era estudante. Uma vez solicitei à coordenação do projeto onde trabalho para realizar um passeio com os estudantes atendidos à Bienal do Mercosul que estava acontecendo na cidade, mas não obtive retorno, havia comentado com um colega do curso e ele me disse que quando criança tinha

visitado à Bienal num passeio com a escola e que tinha sido muito significativo para ele, que era uma lembrança muito presente. Um dia meu filho mais novo, o Antü, foi visitar a Bienal com a escola e voltou todo empolgado. Assim como os “passeios”, muitas outras ações pedagógicas já estão institucionalizadas, já compõem o projeto pedagógico de muitas instituições de ensino, há ainda as ações particulares ou peculiares, todo mundo lembra de algum projeto de pesquisa ou trabalho em grupo, todo mundo lembra da condução diferente de algum professor. Não acho que o professor deva ser um mágico malabarista sempre com um coelho na cartola, sempre com propostas mirabolantes e aulas espetaculares, nada disso. É estar aberto a reinventar-se constantemente, num processo de escuta e diálogo. Quando comecei a compartilhar minha experiência, era para grupos com interesse naquele conhecimento específico, aprendi que era importante trabalhar com o interesse dos envolvidos, que era importante despertar a vontade, de querer saber mais, de querer mais, de querer ir além, importante trabalhar com o desejo do outro, escutar por onde caminha o interesse do outro.

A ARTE NA EDUCAÇÃO

Venho trabalhando com educação popular em projetos sócio-culturais na cidade de Porto Alegre já faz algum tempo, ingressei na faculdade com desejo de aprimorar e ampliar meus conhecimentos e práticas. Acredito que a Arte e a Cultura são fundamentais no desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade, acredito que a Arte junto a Educação potencializa o ser humano, são importantes ferramentas na construção de um novo mundo. Vivemos um tempo de barbárie, de exploração voraz dos recursos do planeta e de aceleração das desigualdades sociais, de avanços tecnológicos e relações globalizadas, é necessário mudanças radicais, reatar a relação de harmonia com o planeta e com nós mesmos. Para essa mudança de cenário é preciso reorganizar repensar reagir na construção do amanhã. A arte suscita diversas discussões nos mais variados campos, indiscutível é seu poder transformador. Aliada à formação do indivíduo e da sociedade, a arte tem sua capacidade expandida significativamente. A escola pode ser o espaço onde as crianças e os jovens se descobrem para a vida, uma janela de diversas possibilidades, que pode estimular os seus anseios e sua autonomia, com uma

educação integral, com ações transformadoras, que gerem impacto ao meio, que sensibilizem, que humanizem, que criam novas perspectivas. A atividade artística acessa a outros canais, toca profundamente em outros pontos, mexe com nossas entranhas, confundem nossas certezas, desperta novas ideias instigam outros pensamentos, outros raciocínios, nos exige outra postura perante o mundo.

As artes na Educação Básica são fundamentais para um desenvolvimento saudável, são importantes no desenvolvimento cognitivo, expressivo e social, são questionadoras, movimentam a imaginação, a criatividade, o senso crítico, despertam o desejo, a curiosidade, a vontade de ir além. Acredito que quanto mais cedo somos afetados por experiências sensíveis, mais aberto e perspicaz ficamos, as experiências encantadoras ficam impregnadas no nosso imaginário. Vivemos tempos de transformações muito aceleradas, estamos nos adaptando à imersão na cultura digital, às comunicações, as relações, os tempos e os espaços são outros, são novos. A pandemia de Covid-19 causou uma enorme crise global, uma grave depressão gerou imensa instabilidade, e cada vez mais o conhecimento, a ciência, a educação e a pesquisa se fazem imprescindíveis. Estudei minha vida toda em escola pública, só consegui ingressar na universidade na quinta tentativa por causa da insistência e principalmente por causa das cotas, sou cotista de baixa renda, percebo o impacto de políticas públicas voltadas à democratização dos espaços de conhecimento, entendo que será somente através da educação que construiremos novas alternativas e iremos romper com as desigualdades e exploração que ainda imperam no nosso país. E arte, então? Essa capacidade de sonhar, de criar, de transformar, a maior parte da população não tem acesso, a maior parte está fora do circuito/sistema de arte, nem sabe que existe, nem sabe pra que serve, estamos reféns de uma educação submissa ao mercado de trabalho, preocupada em gerar mão de obra alienada para continuar sustentando esse sistema desigual. Muitos são os desafios enfrentados dentro e fora da sala de aula, há pouco tempo tivemos um Estado ultraconservador e neopentecostal, que não investia em educação e não acreditava na ciência, com um projeto de militarização das redes de ensino e privatização do ensino superior, que seguia na contramão de qualquer concepção democrática de ensino. Por acreditar no potencial transformador da arte aliada a aprendizagem pretendo contribuir na luta por uma educação emancipadora, no fortalecimento e na manutenção da rede de ensino público e de qualidade,

consistente e pujante, numa construção dialética e horizontal, inspirando autonomia e consciência crítica.

Ingressei na UFRGS em 2019, com 40 anos de idade e uma trajetória como artista popular e educador, já que a opção pela Licenciatura em Artes Visuais era um desejo antigo e que aflorou da experiência como Educador Social. Eu tive minha iniciação na docência como Educador, primeiro em espaços alternativos vinculado a ações sociais e depois dentro do ambiente escolar e em projetos educacionais, com o tempo fui aprendendo a me movimentar neste campo entre Arte e Educação. Hoje na universidade tenho tido oportunidade de preencher uma lacuna importante que faltava, um suporte teórico/científico, para enriquecer teoricamente o trabalho que venho desenvolvendo. Muitas são as reflexões que venho fazendo sobre as práticas pedagógicas que utilizo e as relações com assuntos estudados.

MALOQUEIRO NATO

Figura 1 - Nas páginas da memória.



Fonte: PLENTZ, Leopoldo, 1990. Foto publicada no livro Memória dos Bairros - Restinga, 1994. Estou no segundo balanço da esquerda para direita, brincando com vizinhos.

Cresci ouvindo que era maloqueiro ou que vivia entre maloqueiros, e entre os maloqueiros, maloqueiro era aquele que não sabia se comportar, ou que se vestia como um maloqueiro, com roupas rotas e surradas, maloqueiro era pobre, e ninguém queria ser ou parecer pobre, mas todo mundo ali era pobre, maloqueiro é vileiro, maloqueiro é favelado, maloqueiro é marginal, maloqueiro é suspeito, ser chamado de maloqueiro era ofensa, somente mais tarde fui entender porque

éramos sempre vistos como maloqueiros, a Vila Restinga foi a solução encontrada no processo de gentrificação que assaltou a cidade no final dos anos 60 início dos 70, a remoção das 'Vilas de Malocas', o mais distante da área central possível. No dicionário: malocas são moradias indígenas da região amazônica, mas aqui no sul, malocas são casebres improvisados, malocas são barracos precários, no início do século passado houve um avanço no processo de industrialização, que despertou também um movimento de êxodo rural para os centros urbanos nos anos 40 e 50, mas a indústria necessitava de mão de obra especializada, e os trabalhadores do campo foram migrando para construção civil, as mulheres faziam serviços domésticos nas casas de família, aos poucos viraram prestadores de serviços, por questão de mobilidade precisavam morar perto do trabalho, as vilas iam surgindo próximo da região central, se tornando assim reduto de indesejados, contrastando com anseios de modernização urbana da capital. Foram deslocadas 22 quilômetros do centro da cidade, num processo extremamente violento, o Complexo da Ilhota (Conjunto de 23 vilas próximas da Praça Garibaldi), Vila Theodora (perto do Navegantes), Vila Santa Luzia (perto da Santo Antonio), Vila do Asseio (perto do Menino Deus) entre outras, constituíram os primeiros moradores, de 1967 até 1971 as vilas removidas foram jogadas para longe do centro da cidade, formando assim o que viria a ser a Vila Restinga. A partir do início dos anos setenta inicia o processo de construção do bairro, moradias populares a preços módicos em financiamentos de longo prazo, ali para onde foram deslocadas as primeiras famílias ficou conhecida como Restinga Velha e do outro lado da Avenida João Antônio da Silveira a Restinga Nova, diferente da Velha, a Nova foi planejada em 1969, quatro unidades de casas vicinais, contando com um mínimo de estrutura, saneamento básico, centros comerciais, escolas, postos de saúde e um centro comunitário, a construção da Nova aconteceu de 1971 até 1983 financiada através do DEMHAB (Departamento Municipal de Habitação) contando com recursos do BNH (Banco Nacional da Habitação). A família da minha mãe chegou na Vila em 1972 na primeira unidade, foram das primeiras famílias a receber as casas, minha avó trabalhava como cozinheira na FEBEM (Fundação de Educação e Bem Estar do Menor) e ela que fez a inscrição, vivia com quatro dos cinco filhos numa casa de aluguel na zona sul, onde a água era de poço e a luz de lampião. A família do meu pai, recebeu uma casa na segunda unidade em 1976, deixando a vida de aluguel no bairro Petrópolis, foram 'sorteados' na distribuição das casas, pela influência de um

coronel que era chefe de um tio meu (ele que fez a inscrição do meu avô), um financiamento popular de 25 anos que passava pelas mãos dos mandatários da época, muitas histórias de favorecimentos e clientelismo em troca de capital político, meu pai conta que veio com os cinco irmãos mais novos na mudança chorando no caminhão, não queriam vir pra mal falada e distante Restinga. Meu pai vive até hoje na mesma casa, hoje é um personagem conhecido no bairro, Tião do cachorro-quente, pois a mais de vinte cinco anos vende o lanche numa esquina movimentada da Nova, meus tios cresceram, formaram famílias e se espalharam pelo bairro. Eu nasci em 1979, ano da anistia, restingueiro nativo, Tinguerreiro nato, meu pai teve um caso com minha mãe e uma amiga, as duas engravidaram e eram menores de idade, ele foi 'forçado' a casar com a outra menina que tinha o pai brigadiano, por isso não levo o nome dele, a gravidez aos 15 anos atrapalhou os planos de estudos da minha mãe, fiquei sem nome durante três meses, minha avó queria me assumir como filho seu, pois acreditava que minha mãe não casaria ou ficasse desonrada, queria por em mim o nome do meu avô falecido numa briga de bar, minha mãe não aceitou, resolveram certo dia fazer uma reunião com amigos e parentes onde cada um trouxe sugestões de nomes, que foram anotados em papel pequenos e dispostos aleatoriamente em minha frente enquanto dormia de bruços, quando acordassem o papel que eu puxasse seria meu nome, puxei dois: Leandro que era o nome de um ex-namorado de minha mãe, e Renan, que era o nome de um colega de aula dela (que viria a ser o jogador e depois treinador da seleção brasileira de vôlei) e também o nome do médico que realizou meu parto, ficou Leandro Renan até o dia que foram no cartório fazer o registro, na hora que o escrivão perguntou qual o nome da criança, uma tia-avó que acompanhou minha mãe menina se atravessou e emendou Renan Leandro e assim ficou.

VIDA BREVE ALMA LEVE

Figura 2 - Teatro na feira.



Fonte: SANTOS, Ana Paula 1996. Esquete 'Ascensão e Queda de um Tirano' com *Ars Longa Vita Brevis*, Feira Dominical na Av. Macedônia, dentro da programação da Semana da Restinga, CECORES e Conjunto Monte Castelo ao fundo.

Comecei a fazer teatro com 14 anos, nunca tinha ido a uma casa de espetáculo, mal sabia o que era, conheci o teatro por acaso, depois que me envolvi nunca mais larguei, na época era muito jovem, estava descobrindo as coisas, me descobrindo, tendo as primeiras experiências de uma vida quase adulta, sem objetivos, sem planos, talvez até sem sonhos, me movia por instinto e curiosidade. Não ter uma família convencional me dava abertura pra construir meu destino, cresci sem lar, pipocando nas casas dos parentes das famílias dos meus pais, nas casas de amigos dos meus pais e aluguéis divididos, cresci em instituições de assistência social, certa vez acompanhei minha mãe até o ponto de ônibus para ela ir trabalhar, ela ia para o Centro, saía antes de abrir a creche, ela embarcava e eu corria pra acenar para ela num ponto mais adiante no caminho, e seguia sozinho até a creche, quando cheguei lá, uma funcionária me avisa que entraram em greve que não teria atendimento, que eu teria que voltar pra casa, não tinha ninguém em casa, não tinha nem a chave, perdido me sentei num boteco que havia próximo, no meio da manhã, a namorada do meu pai na época passou me viu e me acolheu, eu devia

ter uns cinco ou seis anos e já me movimentava sozinho. Lembro de uma infância aventureira, com diferentes amigos em diferentes lugares do bairro, as brincadeiras de rua, as festas populares, peripécias e traquinagens comuns entre a molecada. Na escola lembro que não havia muitas opções além das atividades regulares, fora de lá havia algumas atividades esportivas de organização comunitária, lembro quando começou-se a organizar na escola a banda marcial, fui em alguns ensaios, toquei tarol e surdo, mas não segui com a banda, que mais adiante ganhou competições e foi um projeto importante, vários colegas hoje são músicos profissionais e se descobriram na música tocando na banda do Colégio Estadual Engº Ildo Meneghetti. Nesta época me interessei pelo escotismo, havia um grupo que se reunia aos sábados no CECORES (Centro Comunitário da Restinga), comecei a frequentar e cheguei a ser líder de tropa, não recorro ao certo quanto tempo permaneci no Grupo Kalapalos, mas foi ali meus primeiros acampamentos, meus primeiros contatos com natureza, onde aprendi a cozinhar, a trabalhar em equipe, e adquirir um pouco de disciplina. Não lembro quando deixei o escotismo e fui pra capoeira, que também acontecia no CECORES, tinha treinos nas noites, foi quando comecei a ficar até mais tarde na rua, íamos nas rodas que aconteciam na Redenção aos domingos e nos batizados dos outros grupos da cidade. Comecei a me movimentar pela cidade, fiz muitas amizades, tanto no escotismo como na capoeira. Era aluno do contra-mestre Bolívar que era do grupo Guerreiros da Libertação do Mestre Farol, que foi quem trouxe a capoeira pra Restinga, a capoeira é uma atividade que até hoje é muito forte no bairro, o Bolívar formou o próprio grupo Olufé, o Gato Preto que também era discípulo do Farol formou o grupo Guarda Negra, e o Mestre Jaburu do grupo Guayamuns que trás pra Restinga a Capoeira Angola. O Jaburu é filho do Mestre Borel, dos restingueiros vindo da Ilhota, importante liderança Afro religiosa e dos últimos que falavam Yorubá. Na capoeira fui ganhando mandiga pra enfrentar as adversidades, novamente a organização em grupo e a solidariedade no compartilhamento de saberes, nos organizávamos em pequenos grupos para treinar movimentos, tocar instrumentos, cantar ladainhas, os colegas capoeiristas que seguiram se tornaram instrutores e educadores de capoeira, alguns se formaram em Educação Física e são professores. Certa vez me viram de namorico com uma vizinha, ela tinha cabelo loiro e comprido parecida com a atriz de um filme que passava na sessão da tarde, *Splash uma sereia em minha vida*, daí me apelidaram de Sereia, na capoeira todos

são batizados com uma alcunha, durante curto tempo fiquei conhecido como o Sereia. Com a capoeira comecei a me movimentar com maior autonomia e circulava com maior facilidade pelo bairro e pela cidade, perdi o medo da Restinga Velha, parte da Restinga ainda hoje muito estigmatizada pela violência, a gurizada da Velha descia em bando pra Nova pra pedir pão velho e restos de comida, e isso nos amedrontava. Logo em seguida fiz amizade com os skatistas que também frequentavam o CECORES, andavam num quebra-molas em frente ao centro e na quadra de basquete frente ao ginásio, troquei minha *bike* velha por um *skate* capenga, larguei a capoeira e comecei a andar com os skatistas, o *skate* é um esporte caro, montar um carrinho bom era caro, tudo era caro, era coisa de ‘magrinho’, de *playboy*, de filhinho de papai, na maioria das vezes ficávamos aguardando a oportunidade de andar com o carrinho emprestado de alguém, rolava muita troca já que faltava dinheiro, quando alguém comprava algum rolamento novo botava o velho pra rolo, peças de *skate* e peças de roupa eram moedas, aqui o grupo era mais heterogêneo, tanto na idade como em condições financeiras, mas havia muita vontade, vontade de liberdade, encarar a vida com radicalidade. Quando iniciou o passe-livre de ônibus em Porto Alegre desbravávamos a cidade, era sagrado, íamos em bando para conhecer outros skatistas e lugares que pudessem servir de pista, terminávamos o domingo na Osvaldo Aranha onde se concentrava a juventude e a contra-cultura da cidade. Com o tempo começamos a organizar campeonatos no bairro, a construir rampas e obstáculos para treinar manobras, certa vez saímos à noite de carro para roubar compensados que cobriam uma obra em Ipanema para transformá-los em rampas. Tinha amigos escoteiros que viraram skatistas, era um grupo aberto, que se ligava pelo interesse no *skate*, ali as relações eram mais complexas, demorou muito tempo para amadurecerem e se entenderem enquanto grupo, a maioria seguiu seu próprio caminho, poucos se profissionalizaram no esporte, muitos se perderam nas drogas, outros ainda encaram como *hobby*. Fato é que uma semente foi plantada lá trás, o sonho de um pista de *skate* no bairro, hoje é realidade e mudou a paisagem do bairro, cumprindo importante função social. Os skatistas mais velhos trabalhavam como *office-boy* e outros subempregos, era necessário trabalhar para manter um carrinho bom, certa vez chegou a notícia que ia abrir vaga nos cursos profissionalizantes da FEBEM (Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor), e encaminhavam para estágios remunerados. Para conseguir vaga era necessário dormir na fila, fomos em grupo,

foi uma noite muito agitada e muito divertida, levamos *skate* e bebíamos escondidos, já que na fila eram famílias de adolescentes de toda a cidade, houve um assalto na fila, teve uma correria, mas no fim consegui uma vaga em Datilografia e depois também cursei Auxiliar de Escritório. Eram cursos curtos, trimensais, não consegui vaga nos cursos mais extensos que eram de dois anos e que te garantiam uma profissão, davam passagem e alimentação. Nesse tempo saia correndo da escola pra almoçar na FEBEM, a comida era muito boa, convivíamos com os adolescentes internos (aqueles que se dispunham a estudar), muitos adolescentes da Restinga se formaram lá nos cursos da FEBEM. Nesta mesma época trabalhava no bar noturno do meu pai, trabalhava como chapista, revezava com meu irmão, uma noite sim outra não, entrávamos as madrugadas dos finais de semana fazendo lanches e servindo cerveja, era frequentado por jovens que estudavam a noite, foi onde fiz amizade com os roqueiros mais velhos, que eram meus vizinhos, começaram a me levar pras festas e pra noite, comecei a frequentar a 'Osvaldo' e a curtir *shows* de rock, comecei a customizar minhas roupas, deixei o cabelo crescer, um amigo mais velho me apelidou de Bob Cuspe (o personagem de HQ de Angeli), era chamado de Bob entre os skatistas e os roqueiros. Fiz a prova de seleção para os cursos profissionalizantes do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) que ficava no CECORES, queria fazer marcenaria pois meu avô era marceneiro e eu já havia trabalhado com ele, mas rodei no teste, entre os skatistas haviam aqueles que tinham feito os cursos do SENAI, era os medonhos que faziam as rampas, várias gerações se formaram naqueles cursos, vários amigos hoje são eletricitistas, marceneiros e "faz-tudo" graças aquela oportunidade. Comecei a fazer o curso de serigrafia oferecido no CECORES pela FESC (Fundação de Educação Social e Comunitária), era um curso novo conduzido pelo Seto, que morava perto da COBAL (na Restinga muitas regiões são conhecidas pelas gangues que dominam determinadas áreas, a gangue Os Cobal ganhou esse nome porque seus integrantes se reuniam atrás do mercado entreposto da antiga COBAL - Companhia Brasileira de Alimentos, que ficava na terceira unidade da Restinga Nova), vários skatistas fizeram o curso também, iam mais pra cheirar *thinner* escondido na sala escura, era a febre da loló, fizemos as camisetas de algumas bandas de *rock* do bairro, como eu curtia desenhar o Seto me indicou fazer a oficina de Artes Plásticas que estavam ocorrendo nas noites, e também me indicou para pequenos serviços com o Pilha, irmão dele que tinha uma serigrafia artesanal onde fiz algumas

arte-final. O Seto era um cara jovem, um baita ator, foi protagonista de nossa primeira peça, improvisava e jogava com a plateia super bem, mas também era muito louco, faleceu muito cedo vítima de AIDS, teve um surto da doença entre Os Cobal por consumo de cocaína injetável. Comecei a frequentar a oficina de Artes Plásticas também oferecida pela FESC com alguns amigos do *skate*, a oficina era conduzida por Patrícia Dornelles, uma jovem artista recém formada que vinha de fora do bairro, meu primeiro contato com argila, com confecção de máscaras, primeiro fizemos umas cabeças pequenas no barro, depois com ataduras de gesso fizemos o negativo uns dos outros e pintamos. A Patrícia nos convidou para vernissagem e exposição dela numa galeria no Bonfim, foi a primeira vez que fui num evento desse tipo, fui sozinho e me senti deslocado. Ela também nos levou para uma pintura mural, a segunda pintura mural que participo, era a primeira pintura mural coletiva do Muro da Mauá, vários artistas envolvidos, foi um dia muito bacana com muita tinta e muita risada. No ano seguinte trocou a condução da oficina, o novo oficinairo se chamava Bira e morava em Belém Novo, seu trabalho era com material reciclado, fibra de vidro e resina, trazia questões etnico-raciais em seu trabalhos, lembro de mais de uma vez ir visitar seu ateliê que ficava no alto do Morro do Veludo. Sua casa era o ateliê, não havia móveis, somente esculturas espalhadas, pelo pátio, em cima da casa, em todo canto, no porão os materiais que ele recolhia na beira do lago e transformava em esculturas, subíamos na caixa d'água que havia no topo do morro e admirávamos a panorâmica da zona sul da cidade, era um cara sereno e divagávamos sobre arte e vida, por causa dos ensaios do teatro tive que parar de frequentar a oficina, mas mantive o vínculo de amizade. Tudo acontecia muito rápido, as alegrias da vida, os perigos da noite, as coisas ilícitas, pequenos crimes, leves delitos, uma encruzilhada de possibilidades, vivia tudo intensamente, como se não houvesse amanhã, tudo isso dos dez aos quatorze anos, uma adolescência efervescente.

OS ROGÉRIOS

Figura 3 - Skate *For Fun, Or Die!*



Fonte: GROSS, Lisandra, 1993. Campeonato de skate no Ginásio do CECORES.

Várias tribos urbanas estavam se formando no bairro, até então eram as gangues e os times por áreas que se consolidaram nos anos 80, o futebol e o samba forjaram as primeira organizações socioculturais na vila, varios times compunham um movimentado campeonato de várzea, Restinga F.C., Monte Castelo, ABC, San Remo, Roma, Expresso Branco, Águia de Ouro, E.C. Torino, Black Porto, Black Birds, Abolição, este último sediado na Velha formado por remanescentes da Ilhota, meu pai foi jogador e dirigente do Acadêmico, e a sede era no bar dele (Madruga's Bar), que era anexo da nossa casa, me arrastava pros jogos pra carregar a bolsa com uniformes, treinavam no campo d'Os Fedorentos, nos finais de semana todos os campinhos espalhados pelo bairro eram ocupados pelos boleiros. Os primeiros jovens iam se reconhecendo e se conectando pela vizinhança e assim foram surgindo as gangues. Os Balacas, Os Corvinho, Os Merendinha, Os Thundercats,

Os Be, Os Baixada, Os Cobal, Os Commanders, Os Barranco, Os Bolinhas, Os Novos Bolinhas, Os Terceira, Os Bita, Os Fedorentos, As Castelo, Os Primo, Os Milton, Os Alemão, Os Catarina, a casa da família de meu pai fica na banda d'Os Fedorentos, mas morei em vários cantos e conheci muita galera, morei nos blocos do Monte Castelo na banda d'Os Bolinhas, morei na banda d'Os Terceira na terceira unidade, que depois viraram Os Praça, morei também na banda d'Os Cobal e d'Os Comanders, na escola inevitavelmente conhecíamos e estudávamos com integrantes de outras gangues, na minha época de escola era comum os acertos de contas acontecerem em frente a escola na saída, sempre era um furor quando havia briga, se fechava uma enorme roda, e os desafetos 'largavam na mão', era jogo limpo, quando alguém começava apanhar feio, se apartava a briga e o caso era encerrado, geralmente as tretas provinham de alguma rivalidade do futebol de várzea, paqueras e adultérios, ou da estranheza entre algumas gangues, serviam também de provação, nunca fui de nenhuma gangue e também evitava me meter em briga, não tinha irmão mais velho pra comprar por mim, nem pra me empurrar pras confusões como geralmente acontecia, - *Se apanhar na rua vai apanhar em casa!* provocavam os irmãos. Desde muito cedo achava a violência uma coisa estúpida, mas a violência era sempre presente, era necessário saber lidar com ela, era uma época que se resolvia tudo 'na mão', no 'mano à mano', as tretas resolvidas 'na bala' ou 'na faca' eram entre os mais velhos, na noite, nas saídas de festas, e as armas geralmente estavam com aqueles que se assumiam no crime. Nos anos 90 surgem as tribos, Os Capoeiristas, Os Carnavalescos, Os Skatistas, Os Roqueiros, Os Pagodeiros, Os Metalero, Os Magal, Os Funkero, Os Hip Hop, Os Gaudério, grupos que se formavam por afinidades, tinham pontos que se reuniam, onde extrapolavam os limites dos territórios das gangues, Os Capoeiristas treinavam no CECORES, mas também treinavam no Pampa, pelas ruas e praças, no barranco frente a escola Pasqualini treinavam salto mortal, Os Skatistas ocuparam uma das canchas fechadas frente ao ginásio do CECORES e também o quebra-molas frente a escola Larry, Os Roqueiros são noturnos e nômades, se reuniam na escadaria do Pasqualini e no toldo da antiga videolocadora Luca, Os Pagodeiros se reúnem em bares e quintais, Os Hip-Hop no saguão do CECORES e nos bailes, Os Gaudério nos CTGs que estavam surgindo, próximo ao CECORES havia dois, o Estância de Potrilhos ao lado do ginásio e o Porteira da Restinga atrás das piscinas, no caso d'Os Carnavalescos, O Estado Maior ensaiava em sua

quadra na Esplanada, já a União da Tinga ainda não tinha quadra e ensaiava no saguão do CECORES. Ali se concentrava também os atletas, Os do Vôlei, Os do Basquete, Os Rolers, Os Bikers, Os Fortinho (Hoje conhecidos como Bombados ou Crossfiteiros, na época fumavam seus baseados enquanto faziam Calistenia), tinha também Os Forrest (eram os corredores, os indivíduos que se exercitavam correndo, gíria inspirada pelo filme com Tom Hanks), chamávamos assim por causa de dois deles: o Gardenal que vivia correndo, subindo e descendo a avenida principal da Nova, quando vinha nos cumprimentar e conversar ficava correndo parado no mesmo lugar, e o Renatão, magrão alto, ruivo, de mullet e bigodão alaranjado, que não corria mas andava numa marcha atlética acelerada por toda quebrada, sempre sem camisa e com ela amarrada na cabeça, às vezes do nada encontrávamos Renatão na sua marcha aleatória intensa nos momentos e lugares mais inusitados, reza a lenda que Renatão não voltou de uma viagem de cogumelo. Foi por aí também que surgiram os primeiros grupos musicais da vila, de pagode lembro do Sem Malícia e do Chamego, de rap lembro do Black Time, Legião Rap, Rap Power, L.O.R.D.S., Mário Pezão, Big Boys, Big Charme, e as bandas de rock: Aeroplanos, London in Fire, Tribunos da Plebe, Saterac, Necrópsia, Mortalha, e os Intocáveis, uma das primeiras banda de rock da vila, tocavam músicas autorais e tinham participado da coletânea *Rock In Tinga Too*, vinil gravado em 92. O irmão do Lázaro, baixista dos Intocáveis, tinha uma lancheria na 2ª unidade, atrás dos blocos, Brucutu's Lanches, ali ensaiava a banda, maior estilo *glam metal*, cabeludos, de calça colada e bota cano alto. Como estavam surgindo várias bandas, surgiu também a ideia de um festival no bairro, O Faces do Rock, os skatistas zombeteiros, irreverentes e fanfarrões decidiram montar uma banda pra poder participar do festival, mas ninguém sabia tocar nada, apenas o Rogério que era percussionista da União da Tinga, então ele assumiu a bateria, chamaram o Agulha pra tocar guitarra (violeiro e artesão que tocava em várias bandas) e o Foca para tocar baixo (Punk osvaldeiro que morava na vila), o Lazie compunha algumas letras, e o vocal era coletivo, com vários skatistas cantando, fazendo back vocal e se revezando, a única posição fixa da banda era o Rogério, por isso o nome da banda Os Rogérios, eu fiz o logo da banda (um R estilizado sobre um skate) e imprimi umas camisetas junto com Seto. Rogerinho, Alex Cabeludo, Febem, Ratão, Aipim, Bactéria, Fabinho, Trash, Cunha, Celo Loko, Silvinho, Iko, Vini Cabeça, Vini Cachorrão, Mano, Joel, Lazie, Cachaça, Neco, Bortonhoto, Caetano, Ricardinho, Belini, Nikimba, Kafé,

Leandrão, Jegue, Zé Galinha, Beto Baú, Magno, Metade, Quase-Girl, CC, Chiuaua, Chinoka, Corka, Ciclone, Edinho, Digune, Queijinho, Dulei, Rato, Porquê, Nego Charles, entre tantos outros que iam curtir skate na cancha do CECORES, eram os skatistas, que ocuparam a quadra poliesportiva para prática do esporte. Tinha também as minas, As Belem, As Castelo, as que andavam de carrinho e as *groupie* que curtiam o *hype*. Teve uma época que houve uma divisão entre os skatistas, Os Tri e Os Chaves, Os Tri eram os que estavam sempre na cancha e na mesma *vibe*, eram considerados *cool*, já Os Chaves eram os que vinham menos pro pico ou que estavam desatualizados das paradas, ou grosseiramente: uns andavam mais e outros andavam menos. Rogerinho era o melhor skatista naquela época, ele e seu irmão Silvinho moravam nos blocos do Monte Castelo, com mais uma irmã e a mãe, frente a escola Larry, durante o dia a galera se encontrava no quebra-mola da Nilo Wulff, a tinta asfáltica facilitava as manobras, e tinha uma árvore que fazia sombra, a noite todos se encontravam na cancha com rampas e obstáculos improvisados. Todo mundo gostava dos dois irmãos, pois eram engraçados e divertidos, o Silvinho regula de idade comigo, o Rogério era uns três anos mais velho que eu, era carnavalesco, ritmista, pagodeiro, funkeiro, roqueiro, capoeirista, tinha enorme destreza corporal, discípulo do mestre Farol, tinha corda de treinel mas largou a capoeira pelo skate, meu primeiro amigo que aderiu aos dreadlocks, Rogerinho transpirava sua ancestralidade. Não terminou o Ensino Fundamental, vivia de bicos e de rolos, sentia a pressão de ser o filho mais velho e não ter a figura paterna, passava o dia inteiro na rua andando de skate, o skate não trazia perspectiva nenhuma de futuro, até o momento que alguns começaram a se destacar na cena, se posicionar bem em campeonatos, e rolar alguns patrocínios. Da galera da vila somente o Febem conseguiu se profissionalizar no esporte, muito pelo fato dele sair da vila pra andar, o Rogerinho e o Alex Cabeludo estavam quase lá também, mas não souberam lidar com os patrocínios e com as drogas, quando fiquei sabendo da morte do Rogério por excesso de cocaína já não morava mais na Restinga.

ARS LONGA VITA BREVIS

Figura 4 - Que se passa, Che?



Fonte: FACHEL, Claudio, 1995. Peça 'Que se passa, Che?' de Carlos Carvalho com Ars Longa Vita Brevis.

Este era o nome do meu primeiro grupo de teatro, chamávamos de Oficina Teatral *Ars Longa Vita Brevis*, lembro que fiz o desenho que serviu de estampa para as camisetas, que confeccionamos no curso de serigrafia no CECORES, o instrutor do curso, o Seto, também fazia a oficina de teatro. O nome do grupo escolhemos por influência e admiração ao grupo que conduzia a oficina de teatro, o Ói Nós Aqui Traveiz, depois de assistir aos ensaios do espetáculo *Fausto*, dos primeiros espetáculos que assisti, que logo no início, na primeira cena, o coro vinha num cortejo pela rua José do Patrocínio na Cidade Baixa, cantando esta frase e conduzia o público pra dentro da Terreira da Tribo, a frase está no latim, significa 'A arte é longa, a vida é curta'. Houve muita discussão em relação ao nome, procurávamos um que nos aproximasse do nosso público (um público de periferia), com apelo popular, mas este foi o que ficou pela força poética que carrega, as discussões que fazíamos, as ideias que trocávamos, os sonhos que tínhamos, estavam ali

representados. A oficina começou em 92, eu entrei em 93, formamos um grupo em 94, e durou até 97, quando as coisas se transformaram. Este pequeno período foi muito importante para nós e para os nossos, já que a cena cultural do bairro em que vivíamos estava nascendo e se forjando. A arte é permanente, a vida é efêmera, entendíamos que até aquele momento éramos privilegiados em estar numa experiência que era embrionária, que éramos iniciados em algo mágico, maior que nós, e que tínhamos a missão de dar continuidade aquilo que estávamos vivenciando. É engraçado fazer esta retrospectiva e perceber como estas experiências estão emaranhadas, quão intenso estas vivências ficaram introjetadas no meu ser e como elas também se refletem nas minhas práticas, os sujeitos envolvidos mesmo com trajetórias distintas também afetados. Com o tempo é possível perceber também a dimensão, a importância e o impacto de determinadas ações e movimentos. Sempre que aparece uma brecha, narro como o teatro surge na minha vida, por pura casualidade, certo dia, estava com os amigos skatistas no quebra-molas, num começo de noite, quando ouvimos umas batidas de tambor e vimos que vinha do saguão do CECORES, um grupo de pessoas dançando e um cara tocando e cantando, achamos engraçado, não era época de carnaval nem nada (ali no saguão aconteciam os ensaios da União da Tinga, escola de samba dissidente da escola de samba Estado Maior da Restinga), um dos guri meteu a pilha de irmos ver de perto, mas ao nos aproximarmos eles estavam entrando na sala, ficamos no lado de fora, espiando pelas basculantes, tinha uma dúzia de pessoas na sala, entre eles alguns conhecidos, alguns vizinhos, tinha uma menina bonita e todos ficaram ouriçados, ficamos comentando, zombando e tirando onda, até que o cara do tambor veio até nós e nos provocou: “Gurizada! em vez de ficar de bagunça aí fora, porque não veem fazer bagunça aqui com a gente!” . Não tivemos dúvida, entramos e começamos a participar, lembro que criamos um improviso sobre as condições dos ônibus do bairro, todos participaram e foi muito divertido, no final da oficina fomos convidados a retornar na semana seguinte, assim com eu, meus amigos foram nos encontros seguinte, mas aos poucos foram abandonando, dos skatistas somente eu, o Iko e o Lazie seguimos na oficina. O cara do tambor era ninguém mais ninguém menos que o Zé da Terreira conhecido também como Zezão. Uma figura ímpar, de uma humanidade imensa, um personagem da cidade de Porto Alegre, anos mais tarde trabalhamos juntos em espetáculos de teatro de rua, o Zé trabalhou na montagem brasileira do musical *Hair*

no início dos anos setenta, quando morou no Rio de Janeiro, fez algumas pontas em filmes e atuou com o grupo Tá na Rua de Amir Haddad. Em Porto Alegre colaborou com diversos grupos de teatro de rua, toda vez que ficava indignado com algo pegava seu tambor e ia performar na esquina democrática. O Zé conduziu a oficina apenas por três semanas, estava cobrindo o Clélio, que estava em turnê com o Ói Nós Aqui Traveiz, que era o grupo responsável pela oficina. Ainda guardo na memória a primeira vez que vi meus mestres Clélio Cardoso e Paulo Flores, era um sábado pela manhã, estávamos aguardando no saguão do CECORES, quando vêm caminhando duas figuras muito diferentes, com roupas coloridas, cabelos esvoaçantes e enormes barbas, de olhos vivazes e falas mansas, pareciam estrangeiros, que vinham de outro tempo, a oficina foi conduzida pelo Clélio enquanto o Paulo ficava num canto lendo, observando e às vezes anotando alguma coisa, depois o Paulo visitava esporadicamente e o Clélio assumiu. A oficina era bastante corporal e sensorial, o Clélio trabalhava bastante com expressividade e improvisação, começou a ter um fluxo de pessoas bastante intenso, vinha gente de tudo que é canto do bairro, quando chegou perto das festas juninas veio o convite através do Seto para realizarmos um casamento na roça pra festa d'Os Cobal, montamos uma esquete de teatro de rua politizada *Por Debaixo dos Panos* e circulamos o bairro apresentando nas festas juninas e em algumas escolas. O Clélio, com sua maestria, fazia um personagem coringa e nós nos revezamos nos personagens, já que era um elenco aberto. Na primeira apresentação fora do bairro íamos apresentar na Usina do Gasômetro, acabei não indo, tinha que ficar cuidando da minha irmã mais nova. Com vergonha, fiquei um período sem frequentar a oficina, quando retornei, o grupo já estava estreando seu segundo trabalho, a oficina já estava na condução do Paulo, e entrei na contrarregragem da *Última Instância* de Carlos Queiroz Telles, um drama sobre violência urbana, que estreou na paróquia do bairro, apresentamos também no CTG (Centro de Tradição Gaúcha) e no CECORES, a primeira apresentação numa sala de espetáculo, apresentamos na Sala Álvaro Moreira e na Terreira da Tribo, o grupo estava mais enxuto, o Paulo trabalhava mais com exercício de dramaticidade e exercícios de construção de cena, construção de personagem, nos trazia textos teatrais para ler, foi quando aprendi a ler, foi quando adquiri o hábito da leitura, como o grupo estava mais coeso aprofundamos a discussão sobre teatro e sobre questões sociais, acredito que foi por esse momento que houve uma virada de chave pra mim, comecei a entender

melhor como as coisas são, como elas se estruturam, discutíamos algo e depois tentávamos transformá-las em cena, o mundo começava a se abrir. Neste momento a oficina do Ói Nós passa a fazer parte do projeto Descentralização da Cultura da SMC (Secretaria Municipal de Cultura).

DESCENTRALIZAÇÃO DA CULTURA

Figura 5 - Cultura por aqui.



Fonte: SANTOS, Ana Paula, 1994. Peça 'O Armazém do Zé Honesto' com Ars Longa Vita Brevis, no Teatro Renascença.

Foi um projeto implementado pela Administração Popular do município de Porto Alegre, pela ainda recente SMC (Secretaria Municipal de Cultura), tinha como objetivo democratizar o acesso à Cultura nas comunidades que estavam afastadas dos centros culturais, oficinas e circuito de apresentações começaram acontecer nas 16 regiões do Orçamento Participativo. Neste período começamos a nos envolver com as questões culturais do bairro, junto com outros grupo culturais: grupos de rock, de pagode, capoeira, skate, o Hip-Hop que vinha ganhando força, formamos o Núcleo de Cultura do Bairro para lutar por políticas culturais públicas

voltadas para periferia. Conseguimos transformar em lei a Semana da Restinga, uma mostra cultural que coincidentemente acontece no mesmo período da Semana da Consciência Negra, a lei garante que todo ano haja uma pequena verba para a realização do evento, e criamos uma agenda anual das manifestações artísticas do bairro. Junto com outros movimentos sociais começamos a participar do Orçamento Participativo, participamos da primeira Conferência Municipal de Cultura onde levamos como proposta a construção de um centro cultural de bairro, éramos muito jovens e fomos derrotados pelas jactâncias de políticos matreiros, mas essa foi uma questão fundamental para nos entendermos, estávamos distantes trinta quilômetros da vida social da cidade, alijados dos espaços de socialização e conhecimento, encarados como mão de obra barata e massa de manobras. Esse movimento do qual fizemos parte nos anos 90 foi base para pequenas melhorias de condições nas décadas seguintes, assim como da criação de uma identidade comunitária. Com a Descentralização circulamos pelos bairros da cidade, apresentamos nos teatros públicos, conhecemos outros grupos e outros artistas, ganhamos ingressos para assistir os espetáculos que estavam em cartaz nos teatros públicos, a primeira peça que assisti numa sala de espetáculo, no Teatro Renascença, foi *Decameron* adaptação de Giovanni Boccaccio com a Cia. Stravaganza, ganhamos ingressos para várias peças do 1º POA EM CENA e participamos de várias oficinas que aconteceram no festival, oficinas com artistas renomados da cena nacional. Lembro que fomos fundadores da infame 'Fila dos Sem', íamos pra frente dos teatros dos espetáculos badalados e esperávamos todos com ingressos entrarem e pedíamos para entrar nos lugares restantes, no começo eram apenas a galera da periferia que participava das oficinas da Descentralização, depois se juntaram artistas marginalizados, e com o tempo foi se institucionalizando, até quando foi se generalizando e a *fila dos sem* se tornou maior que a dos que adquirem ingressos, e as pessoas deixavam de comprar ingresso para tentar um furo. Ver muitos espetáculos foi crucial na minha formação artística. Fiz muitos amigos na Descentralização, mesmo as oficinas sendo distantes nos encontrávamos no teatro ou em outras oficinas, tenho muitos amigos que hoje são artistas e professores de teatro que começaram nas oficinas da Descentralização, que também tiveram sua juventude afetada por tais experiências. Hoje existem várias (ainda poucas na realidade) políticas culturais públicas voltadas ao público de periferia, mas naquela época ainda era muito incipiente, ver com a distância do tempo reafirma pra mim a

importância e a significância de tais políticas. Assim como na Restinga, vários outros bairros começaram a receber oficinas de teatro, mais adiante também de outras modalidades artísticas, como música, capoeira, hip-hop, dança, artes plásticas e literatura, foram promovidos encontros de trocas de experiência, tanto nos centros culturais públicos como nos bairros, buscando fortalecer os espaços comunitários. Neste período montamos o *Armazém do Zé Honesto* texto do Teatro Campesino, uma sátira política farsesca que apresentamos em muitos lugares, no Teatro Renascença, na Terreira da Tribo, na Escola de Samba Estado Maior da Restinga, no CTG Estância de Potrilhos, em algumas escolas do bairro, em outros bairros como Parque dos Maias e Santa Rosa, a linguagem da farsa nos aproximava do nosso público, era muito divertido estar em cena. A peça seguinte queríamos trabalhar com uma dramaturgia própria, o Paulo convidou o Rafael Baião, professor de teatro e também fundador do *Ói Nós* pra nos acompanhar na escrita, improvisávamos e ele colhia material e transformava em texto, queríamos trazer a realidade do bairro pra cena, dois irmão separados por uma tragédia que tomam rumos distintos, assim nasceu '*JOSÉ X JOÃO*' que tinha como trilha sonora um dos primeiros discos dos Racionais MC's, apresentamos uma única vez no Teatro Renascença e não gostamos do resultado, as transições de cena eram muito demoradas e dependia de muito aparato técnico, era um drama de sala e estávamos mais propensos à linguagem da rua, optamos por seguir com o *Armazém do Zé Honesto* e começar nova pesquisa. O Paulo nos apresentava textos do Plínio Marcos, Brecht, Boal, Arrabal, CPC da UNE (Centro Popular de Cultura da União Nacional de Estudantes), diversos autores que tratavam de relevantes questões sociais, líamos e debatíamos com afinco. Descobríamos as estruturas de poder e os mecanismos de dominação, onde nos encontrávamos nas mazelas sociais, o teatro nos apresentava quem nós éramos. Quando ingressei no antigo Segundo Grau, tive uma rápida passagem pelo movimento estudantil da escola participando de uma chapa de oposição ao Grêmio vigente, eu colaborava fazendo umas charges num fanzine que criamos, na capa do fanzine colocamos a foto do Che Guevara, eu mal sabia quem era, quando o Paulo Flores viu o fanzine nos trouxe o texto de Carlos Carvalho '*Que se passa? Che*' e começamos a estudá-lo para montá-lo, estudamos o que era capitalismo, o que é imperialismo, o que é socialismo e comunismo, as revoluções francesa, russa, chinesa e cubana, tivemos o auxílio da professora de história Clarice Falcão que era da Associação de Amigos

da Terreira, víamos filmes documentários em fita VHS da ditadura no Brasil, na Argentina, no Chile e no Uruguai, escutávamos discos e fitas cassetes de Victor Jara, Violeta Parra, Mercedes de Sosa e Astor Piazzolla. A montagem desta peça foi minha formação política, a partir daquele momento quis revolucionar o mundo. O espetáculo era estruturado em duas linguagens que se complementavam, o da farsa, que desvelava o imperialismo norte-americano, e o dramático, que trazia a biografia do Che através das vozes dos trabalhadores latinos americanos. Eu fazia o palhaço Povaréu que representava a América Latina. Foi um trabalho muito bonito, bastante emocionante, onde tivemos êxito na nossa busca artística, tínhamos um retorno de crítica muito positivo. Nossa busca por autonomia gerou desentendimento com o projeto da Descentralização, afastaram o Paulo e nos abandonaram. Seguimos independentes, adaptamos o *Que se passa, Che* para a rua, usando apenas as cenas farsecas, o Paulo não gostou, mas nos apoiou, sempre esteve do nosso lado. Na Semana da Restinga de 1996 realizamos uma dúzia de apresentações no bairro, nas escolas e nas feiras, mas logo o grupo dispersou ficando apenas eu e o David Ouriques, convidamos o Paulo pra trabalhar conosco como ator, um texto que ele havia nos apresentado tempos antes, o Paulo topou, fizemos algumas leituras, mas o Ói Nós enfrentava ameaça de despejo da Terreira e o Paulo nos convidou para entrar para o Ói Nós, que iria remontar uma peça do Brecht pra rua, o David trabalhava e recusou num primeiro momento depois veio junto, eu havia terminado o Segundo Grau, rodado no primeiro vestibular, me joguei de cabeça, óbvio que aceitei, ali minha vida mudou, ali virei ator, ali aceitei ser artista.

Figura 6 - Periferia Mambembe.



Fonte: Foto 1 - FACHEL, Claudio, 1995. Peça 'Que se Passa? Che' de Carlos Carvalho com Ars Longa Vita Brevis.

Foto 2 - SANTOS, Ana Paula, 1996, Esquete 'Ascensão e Queda de um Tirano' com Ars Longa Vita Brevis.

EVOÉ! DA QUEBRADA AO MUNDÃO

A Terreira da Tribo foi minha escola, lá trabalhei como ator, encenador, cenógrafo, cenotécnico, aderecista e oficinairo de 1997 até 2012, trabalhei em espetáculos de rua e de teatro de vivência (como são chamados os espetáculos em ambiente fechado), participei dos principais festivais e mostras de teatro do país, viajei por diversas cidades do Estado, viajei por vários estados, viajei a outros países, tive aula com importantes mestres, conheci importantes artistas contemporâneos, uma vivência intensa no meio teatral brasileiro. Tem tudo registrado nos livros publicados pela Tribo.

Quando havia alguma brecha, sem ensaios ou apresentações, me envolvia noutras atividades. Em 1999 fiz oficina de fanzine com Sylvio Ayala, era pela Descentralização e acontecia no CAR (Centro Administrativo da Restinga, equivalente a uma subprefeitura), curti o programa de HQ que ele apresentava na rádio Ipanema fm, aprendi com ele a técnica do estêncil, me interessei por arte gráfica, entrei numa rede subterrânea de comunicação alternativa e independente.

Fiz alguns fanzine e muitas amizades, *flyers*, filipetas, cartazes, lambe-lambes, *graffiti*, pixações, festas, *shows*, cultura urbana, colagens, indignação, irreverência, expressão em papel de xerox, redes sociais analógicas, era pré internet.

Em 2003, fiz oficina de cerâmica com Mário Cladera escultor uruguaio, também pela Descentralização, também acontecia no CAR, nesta oficina fizemos máscaras antropomórficas em cerâmica, fiz amizade com o Mario e acabei frequentando seu ateliê por um tempo, acompanhando a dinâmica do cotidiano do artista, aprendendo os fundamentos de escultura e as estruturas das formas. Nesta oficina começamos a fomentar a discussão de um espaço de criação coletivo, aquele espaço que era um anexo da biblioteca pública se transformasse no Ateliê-R (R de Restinga), um espaço que pudesse ser utilizado como ateliê coletivo, aberto aos artistas do bairro, ali também estava acontecendo a oficina de pintura com René Rudit, pela Descentralização, também frequentei, onde fiz minhas primeiras pinturas em tela, fiz estudos monocromáticos, com imagens de temática social, desconstrução da imagem, sobreposições. O René também conhecia o Flávio Gonçalves, que foi meu primeiro professor de desenho, no Atelier Livre em 1996, fiz o curso com uma bolsa que ganhei do próprio Flávio, que é meu tio, irmão da minha madrastra, sempre me estimulou a desenhar e sempre me apoiou nas minhas expressões artísticas. Em 2004 o Nelson Rosa assumiu a oficina de pintura na Restinga, com ele aprendi a montar minhas próprias telas, a trabalhar com emulsão e pigmentos, montar sketchbooks artesanais; anos mais tarde trabalhei com o Nelson em montagens da Bienal do Mercosul. Nestas oficinas de pintura no Ateliê-R conheci muito cidadão comum que se expressava artisticamente por necessidade vital, conheci muito jovem buscando espaço para se expressar, conheci os primeiros grafiteiros do bairro, foi onde me juntei a 'Zombando Crew' de 2004 até 2008 espalhando *graffiti* pela Restinga e por Porto Alegre. O movimento do *graffiti* estava ganhando força, conheci e pintei com os expoentes desse movimento, assumi uma identidade de rua 'R4' (nome do prefixo do ônibus que passava pela minha rua: R4-Rápida Restinga Velha), muitas pinturas murais coletivas e projetos sociais.

Figura 7 - A rua é nós.



Fonte: Foto de autoria própria, 2005, Graffiti na Restinga Velha.

O TEATRO COMO INSTRUMENTO DE DISCUSSÃO SOCIAL

Figura 8 - Movimento periférico.



Fonte: Autoria própria, 2006. Peça 'A História da Cobra Grande' com a Oficina Popular de Teatro da Restinga, na Esplanada da Restinga.

Em 2004, dei oficina de confecção de máscaras pela Descentralização da Cultura no bairro Bom Jesus, também conhecido como Bonja. Numa associação de moradores, tinha um grupo organizado de senhoras que já fazia oficina de cerâmica anteriormente, era um público inconstante, tive certa dificuldade no começo, pois vinha com uma proposição processual e tive que me adaptar, das máscaras fui para processos artesanais em papel, respondendo ao interesse das envolvidas, em trabalhos que pudessem gerar renda. No ano seguinte fui com a proposta de oficina de máscara para Restinga, no ateliê comunitário no CAR do bairro, também pela Descentralização, um grupo de adolescentes se envolveu e foi uma vivência bastante proveitosa, eu não tinha experiência alguma como educador, dominava a técnica da confecção de máscaras e estava organizando como compartilhar este conhecimento, ia entendendo os processos, vendo como resolver os problemas e solucionar as dificuldades. No final todos fizeram sua máscara, tinha uma menino autista que o irmão o levava, mesmo com dificuldade de se comunicar fez duas máscaras.

Em 2005 o Ói Nós Aqui Traveiz foi contemplado com o patrocínio da Petrobrás para a realização de seus projetos, entre eles o projeto Teatro Como Instrumento de Discussão Social que é o projeto das oficinas nos bairros, eu havia comentado com Paulo que a Restinga já estava uns cinco anos sem oficina de teatro da Descentralização, então o Paulo me convidou para assumir a oficina de teatro na Restinga. Achei desafiante, não tinha pensado ainda em conduzir oficinas de teatro, topei e comecei a organizar. Fui atrás de espaço e produzi a divulgação, não tive nenhum curso preparatório, nenhuma formação didática, o Paulo sempre esteve disposto a orientar o que fosse necessário, mas a ideia era trabalhar com a minha experiência, com a minha vivência, com a carga de conhecimento de trazia comigo, comecei a ler sobre pedagogia teatral, fui me instrumentalizar e voltei a estudar os clássicos: O *Teatro do Oprimido* de Augusto Boal, *Pedagogia da Autonomia* do Paulo Freire, o *Teatro Dialético* de Bertold Brecht, *Jogos Teatrais* de Viola Spolin, Stanislavski, Grotowski, Eugenio Barba, o corpo como matéria prima. Fazia o planejamento por semana, pensava proposições e elencava exercícios, ia experimentando e vendo como funcionava, buscando uma postura, um vocabulário e formas de condução, no percurso vamos amadurecendo o ritmo e harmonia dos tempos e espaços, alinhando os objetivos e resultados, ajustando as metodologias e

os meios. De 2006 até 2012 construímos quatro encenações: *A História da Cobra Grande* de Carlos Carvalho em 2006, *Aquele que diz sim*, *Aquele que diz não* de Bertolt Brecht em 2009, *Restinga É!* criação coletiva em 2010, e *Lembrança da Vila* criação coletiva de 2012, todas sob minha orientação e direção.

MOSTRA JOGOS DE APRENDIZAGEM

Surge em consequência das oficinas, quando estas começam a produzir vários trabalhos, a necessidade de um circuito e o fortalecimento e manutenção dos espaços e das redes de apoio, criar/ampliar espaço de fruição cultural nas comunidades. Com a Mostra Jogos de Aprendizagem tivemos a confirmação do impacto do projeto, atendendo diversas regiões da cidade de Porto Alegre, atingindo os mais diferentes públicos, mobilizando as comunidades, instrumentalizando novos agentes culturais. Além da capital, fizemos a Mostra também nas periferias de Guaíba, Canoas, Alvorada e Novo Hamburgo. A Mostra proporcionava também maior espaço de trocas entre as oficinas, além das apresentações, tinha o Oficinão, que era o encontro das oficinas, onde osicineiros se revezavam na condução. A organização da Mostra servia também de articulação das oficinas, onde planejávamos e avaliávamos, onde expunhamos as dificuldades e o andamento dos processos, respeitando as características de cada oficina. Qualquer adversidade era discutida coletivamente, buscávamos soluções de forma coletiva, mas sempre ouvíamos a palavra do Paulo que era mais sábio, mais sensato, mais astuto. O Paulo também sugere caminhos, ouvia por onde tu ia andando e sugeria trilhas e rotas, mas cada oficineiro tinha autonomia para seguir por onde quisesse. Em 2007, íamos realizar uma turnê de três meses pelo Brasil, o Paulo sugeriu que cada oficineiro convidasse alguém para nos cobrir neste período e que propuséssemos um estudo sobre Brecht. Eu convidei o Roberto Corbo para me substituir, ele havia atuado e feito as músicas da *Cobra Grande* e era experiente nas oficinas da Descentralização. Quando voltei, montamos *Aquele que Diz*, com a participação no elenco de André de Jesus (vulgo - Saroba), meu companheiro de 'Ars Longa'. O Roberto logo foi convidado pelo Ói Nós, hoje ele conduz a oficina do projeto Teatro Como Instrumento de Discussão Social na Restinga, que reivindicou a identidade de

Ars Longa Vita Brevis e vem se apresentando, com nome no estandarte e tudo. “A vida é como um círculo, pode começar em qualquer ponto, mas não termina nunca”.

Figura 9 - Circuito alternativo.



Fonte: Autoria própria, 2009. Peça ‘Aquele que diz sim Aquele que diz não’, de Bertold Brecht com a Oficina Popular de Teatro da Restinga.



Fonte: Foto de autoria própria, 2009, Peça ‘Aquele que diz sim Aquele que diz não’, de Bertold Brecht com a Oficina Popular de Teatro da Restinga.

RESISTÊNCIA POPULAR

Figura 10 - Entre artistas e ativistas.



Fonte: AGUILAR, Tharcus, 2006. Peça 'A História da Cobra Grande' com a Oficina Popular de Teatro da Restinga, no Comitê de Resistência Popular.

O André Saroba estava envolvido na Rádio Quilombo, uma rádio comunitária que ficava e era uma ação do Comitê de Resistência Popular, que aglutinava vários movimentos sociais, assim nos aproximamos e realizamos algumas ações conjuntas. Foi quando passei a militar com a Resistência Popular, conheci o Tharcus Aguillar (também artista e educador) e junto à uma galera, construímos um coletivo de agitação e propaganda de inspiração libertária, o Coletivo Muralha Rubro Negra, com ênfase no muralismo como ferramenta, no qual participei de 2007 até 2011. Tínhamos como referência o muralismo revolucionário mexicano e o muralismo rebelde chileno, criamos um diálogo com o terrorismo poético da pixação brasileira. Várias ações com pinturas murais coletivas, intervenções urbanas, estêncil, *stickers*, cartazes, zines, cine debates. Uma das ações que mais repercutiu, foi a pintura no Campus do Vale da UFRGS em 2008, 'Pra que(m) serve

teu conhecimento?’ construída com vários movimentos. Aqui a ação social é mais importante que arte, mas é a arte o instrumento transformador, a arte é o nosso canal de diálogo e aproximação, aqui, onde ela não chega é que ela é importante. Arte panfletária é enfadonha e cheira a mofo, não falamos disso, arte ligada à vida, arte do agora. Pintamos em becos e vielas, nas vilas e favelas, nos galpões de reciclagem, nos lixões, nas ocupações, nos assentamentos e nos acampamentos, nos eventos e festivais, demos oficinas e formações, participamos de encontros e mutirões, estivemos nas marchas e nas barricadas, nas manifestações e nos protestos. Em 2007 me envolvo com movimento de luta pela moradia, e dois anos depois passo a morar no Centro Histórico da capital, num cartão postal da cidade, no Assentamento Urbano Utopia e Luta, uma comunidade autogestionária, primeira experiência de retomada de função social de prédios públicos abandonados nos centros urbanos. Ali abrimos várias frentes de luta, montamos uma cooperativa, uma padaria, uma serigrafia, a primeira horta hidropônica em terraço urbano no Brasil, um espaço multiuso para diversas oficinas, palestras, reuniões, até mesmo da Bienal do Mercosul de 2009 participamos enquanto comunidade. Num primeiro momento assumi a tarefa da comunicação e tive que aprender a me movimentar na cultura digital, criei um blog, fazia as artes para cartazes e panfletos, material para as redes sociais, filmava, fotografava e editava as ações. Foi uma época de muita agitação política, ensaiávamos a montagem de uma peça sobre Carlos Marighella, circulávamos apresentando Brecht pelas periferias, uma campanha de agitprop¹ denunciando a impunidade dos crimes da ditadura, apoiávamos diversas bandeiras, nos colocando ombro a ombro nas trincheiras da revolução. A teoria se dava nos calorosos debates, a teoria era o exercício da prática, muito aprendizado além dos polígrafos e livros empoeirados, muito aprendizado além da decoreba defasada, muito aprendizado além dos muros seguros das escolas.

¹ AGIT PROP - termo síntese da expressão agitação e propaganda, agitar as massas e propagar ideias, ferramenta de comunicação dos movimentos populares de luta social.

Figura 11 - Pra que(m) serve o teu conhecimento?



Fonte: SANTOS, Leonardo, 2009. Graffiti no Campus do Vale, Coletivo Muralha Rubro Negra.

PAPO RETO

Figura 12 - Circuito Papo Reto nas escolas.



Fonte: Autoria própria, 2012, Circuito Papo Reto na EMEF Mário Quintana.



Fonte: Autoria própria, 2012. Circuito Papo Reto na EMEF Liberato Salzano da Cunha.

Em 2012, logo depois de nascer meu segundo filho, o Antü, decido sair da Tribo e seguir meu próprio destino. Como autônomo o maior desafio é manter uma estabilidade financeira, então, começo a me virar fazendo pequenos serviços e encomendas de artesanias teatrais, começo a colaborar em alguns grupos teatrais fazendo máscaras, bonecos e cenários, faço alguns bicos pra garantir uns trocados, alguns trabalhos nada glamorosos, ingratos e braçais. Sou chamado pra trabalhar como oficina de teatro no Projeto Circuito Papo Reto da CUFA-RS, a Central Única das Favelas estadual. Estava na coordenação de Manoel Soares, jornalista conhecido por fazer a cobertura de matérias de periferia, “voz das comunidades”, ele tinha “escrito” um livro de combate às drogas e conseguiu apoio da Secretaria Municipal de Saúde para lançá-lo e distribuí-los nas escolas do município, o circuito previa oficinas e palestras nas escolas da rede. Foi quando comecei a trabalhar no ambiente escolar, ainda não havia trabalhado em escolas e ainda não havia trabalhado com crianças, aqui foi meu batismo de fogo como educador. O projeto era todo equivocado, cheio de erros, tudo girava em torno do umbigo do Manoel, parceria público-privada que só serve pra encher os bolsos dos amigos, dinheiro público mal investido, mal gerenciado, mal administrado, mal estruturado. De proveitoso: o que valeu foi a experiência lá na ponta, com as crianças. Foi uma experiência muito louca, atendia dez escolas por semana, cada turno numa escola diferente, cada escola organizada de um jeito. Eu atendia desde os anos iniciais até os finais, dos não alfabetizados aos adolescentes, do ‘aberto aos interessados’ ao ‘selecionados inscritos’, de turmas fechadas a turmas mistas, no contraturno e no regular, um planejamento para dez atendimentos distintos, o planejamento era protocolar, eu jogava com repertório de exercícios que já utilizava. Fui jogado na cova dos leões e aprendi a lutar com as armas que tinha, com unhas e dentes fui aprendendo a brincar com as feras, com erros e acertos, com pesquisa e estudo, numa constante investigação teatral e reinvenção de mim mesmo. Com o tempo e com estudo, fui percebendo quais exercícios e sequências funcionam melhor com cada faixa etária, como lidar com determinadas situações e com o funcionamento da estrutura escolar. A escola já não era como no meu tempo de estudante, algumas mudanças, nove anos de Ensino Fundamental, segundo grau virou Ensino Médio e preparação pro ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), educação integral, escola aberta, educação inclusiva, as questões étnico raciais e de gênero, pra mim tudo era novidade, estava de aprendiz de feiticeiro, resolvendo tudo na magia do

teatro. Toda a experiência como oficina de teatro na Restinga foi importante para me dar segurança em enfrentar o desafio da sala de aula, fui me adaptando, ajustando minha prática, buscando leituras de Teatro e Educação. A relação com as crianças foi de muito aprendizado, aprendia muito com elas, com elas ia entendendo minhas limitações, com elas ia compreendendo minhas aspirações. O Projeto Papo Reto foi o ano inteiro, contou com mostra de final de ano, e apresentação nas escolas, mas não teve recursos para continuidade.

MAIS CULTURA NAS ESCOLAS

Figura 13 - Mais cultura na escola e na vida.



Fonte: A autoria própria, 2014. Mais Cultura nas Escolas na EMEF Nossa Senhora do Carmo.

Em 2014 ganhei o edital Mais Cultura nas Escolas, programa do MINC (Ministério da Cultura) e do MEC (Ministério da Educação) numa parceria com a EMEF Nossa Senhora do Carmo, na Restinga. Ao investigar sobre teatro comunitário, artistas e grupos que trabalhavam com e para o público de periferia, os pioneiros a buscarem seus públicos fora das casas de espetáculos dos centros, em 2009, adaptei um texto de Maria Helena Kühner, resultado de uma pesquisa de dramaturgia que ela realizou no Morro da Mangueira no Rio de Janeiro no início dos anos setenta, na adaptação trouxemos para a realidade do nosso bairro que também tem o samba como importante manifestação cultural, montamos um esquete chamado *Restinga É!* Fizemos poucas apresentações, o grupo se desfez e a oficina teve um intervalo; quando retomei em 2011 planejei a oficina para criarmos uma dramaturgia própria, o tema era a formação da Restinga, tínhamos o livro *'Memória dos Bairros – Restinga'* como referência, iniciamos uma extensa pesquisa e montamos o esquete *Lembranças da Vila*, realizamos uma única apresentação na Semana da Restinga de 2012, quando conheci a Nola Gamalho que é uma geógrafa pesquisadora do bairro, e com ela escrevi o projeto do Mais Cultura com objetivo de trabalhar no eixo teatro e memória, como ela tinha uns entraves burocráticos não pode participar, me encaminhou para Bárbara Farina, que era a professora interlocutora na escola e também indicou o Felipe Edwald que me acompanhou nos registros. Formou-se uma turma interserial de alunos no contraturno do ensino regular, com aulas duas vezes por semana. O projeto aconteceu durante o final do ano letivo de 2014 e início do ano seguinte, sem a preocupação de um resultado, mas com o registro do processo numa publicação. Constava no projeto duas apresentações de espetáculo de teatro de rua, contratadas para contemplar toda comunidade escolar, porém houve apenas o primeiro repasse de verba, não pagaram a segunda parcela, ou seja não teve a publicação do registro da experiência, o que prejudicou o andamento e a continuidade do projeto. Foi um edital importante, assim como o Mais Educação e o Escola Aberta, projetos que garantiam um fôlego pras escolas ampliarem o diálogo com as comunidades, com autonomia, buscando uma concepção democrática da educação. Há uma rede de artistas e educadores que se movem por projetos desta natureza. Foi uma experiência muito rica, onde pude me planejar e organizar bem, onde sistematizei algumas sequências de exercícios, autoavaliação e autocrítica constante. Através

da coleta e leitura de depoimentos íamos montando uma cartografia e improvisavamos a partir dela. Era um projeto aberto, com participação livre, os estudantes aderiram e participavam com entusiasmo e empolgação.

CIRCO DA CULTURA

Figura 14 - Circo da Cultura.



Fonte: Autoria própria, 2015. Circo da Cultura no Centro POP II, Pintura Mural Coletiva.

Em 2015 fui selecionado pelo Projeto *CIRCO DA CULTURA*, uma parceria da FASC/PMPA (Fundação de Assistência Social e Cidadania da Prefeitura Municipal de Porto Alegre) com a Associação Rede do Circo. A ação Cultural desenvolvida pelo Circo da Cultura foi à construção coletiva num processo pedagógico de painel mural na área externa do Centro Pop II no bairro Floresta. O Centro POP II é um centro de referência especializado para população em situação de rua que promove atendimento social com equipe multidisciplinar para adultos, idosos e famílias, de forma individualizada e coletiva, durante o período do dia, propondo aos usuários alternativas de enfrentamento à situação de rua e

encaminhamentos junto a rede de serviços. Oferece alimentação, banho, tanques para lavagem de roupas, além de acompanhamento para a superação das vulnerabilidades sociais. Atendia, em média, 160 pessoas por dia. A oficina durou três meses e culminou numa pintura mural, foi toda processual e gradual. O público era inconstante, tive que rever minhas estratégias para envolvê-los.

EDUCAÇÃO INTEGRAL - FECI

Figura 15 - Expressividade e ludicidade.



Fonte: Autoria própria, 2016. Projeto de Educação Integral - FECI na EMEF José Mariano Beck.



Fonte: Motta, Ana Cristina, 2017. Projeto de Educação Integral - FECI na EMEF Profª Ana Íris do Amaral.

Ainda em 2015, dei oficina pelo Mais Educação na EMEF Chapéu do Sol, na zona sul, próxima da Restinga, foi um período rápido. Logo ingressei na FECI (Fundação de Educação e Cultura do Internacional), as profes do Chapéu do Sol e da Nossa Senhora do Carmo ligaram e me indicaram pra instituição. Já tinha percebido a presença da FECI nas escolas, ela está conveniada com a prefeitura desde 2008, contudo o projeto mudou de nome algumas vezes, atravessou diversos governos, com o objetivo de auxiliar as escolas no processo de integralização da educação, com atendimento dos estudantes em tempo integral, um turno com ensino regular e outro turno com atividades complementares e projetos educativos. Tive uma entrevista coletiva e uma individual para seleção, a sede da instituição é no Gigantinho, é meu primeiro trabalho com carteira assinada em regime CLT, função Educador, 15 horas semanais. Por e-mail recebo a orientação e o endereço pra me apresentar na EMEF José Mariano Beck, no bairro Bom Jesus, tinha dois colegas da FECI que me auxiliaram no começo, a colega do letramento, que estava terminando a Pedagogia, o colega da capoeira, que era da Educação Física. Ela ficava com a turma de primeiro ano, ele ficava com a turma de segundo e eu fiquei com a turma de terceiro ano. Entrei na metade do ano, todos já tinham sua rotina, fui me ajustando, confesso que fiquei meio assustado no começo, era três horas com quase trinta crianças todos os dias, eu improvisava nas atividades, eu brincava com eles, me colocava como aprendiz junto deles, jogava com eles, quando fui dominando a rotina fui descobrindo como ir conduzindo, comecei a me divertir e a gostar de brincar de teatro com as crianças, comecei a entender o teatro neste espaço da educação. Eu não conheci o teatro na escola, minha família não ia (não vai) ao teatro, não tem esse costume, esse hábito, essa cultura, e como o teatro e a arte foram importante na minha vida, acredito o quanto ele pode ser importante na vida de outras tantas pessoas e procuro criar essa cultura, criar possibilidades. Na Bonja o clima é de violência e miséria, as crianças iam literalmente 'só pra comer', iam descalças no inverno rigoroso. Meu colega fez campanha para arrecadar calçados, fiz amizade com as funcionárias da limpeza que eram ali da vila, ia tomar café com elas, e me falavam das situações das crianças e da escola, nunca gostei de frequentar a sala dos professores, sempre achei um ambiente hostil e deprimente, ali naquela escola professor punitivista era punido também, carro arranhado e pneu furado. Geralmente nos intervalos fico pelo pátio entre os estudantes, conversando e observando. Uma vez por mês tinha formação de

educadores da FECL, lotava o auditório do Gigantinho de educadores de todas as escolas, eram reuniões mais organizativas e protocolares, tinha um fluxo grande de educadores que entravam e saiam, os educadores eram selecionados de acordo com a demanda e o projeto educativo de cada escola, tinha bastante educador de Educação Física, Dança, Letramento e Numeramento, mas tinha também de Música, Circo, Teatro, Capoeira, Informática, Artesanato e Permacultura. O projeto tem uma supervisão pedagógica que acompanha de acordo com a necessidade, sempre tive total liberdade para trabalhar e nunca houve cobrança de nada, o diálogo se estreita na escola, lá sim é importante estar em consonância, cada escola tem sua dinâmica, lá é importante estar em sintonia com o projeto da escola, lá a interlocução é com supervisor pedagógico da escola. Trabalhei em duas colônias de férias da FECL, buscávamos os alunos nas escolas e levávamos eles para piscinas públicas, organizamos estações de atividades em rodízio, ficava impressionado com a quantidade de crianças que não tinham veraneio, que passam o verão na cidade, muita criança de periferia que não conhece o mar, e que nunca foi a praia, que não tem alternativas de lazer. Em 2017 fui pra EMEF Profa Ana Íris do Amaral, na zona leste, no Morro Santana, lá fiquei até a Pandemia de Covid-19 em 2020. Era de difícil acesso e longe, o tempo de deslocamento era grande, mas o ambiente da escola é muito bom, fica escondida no fim de uma rua sem saída, escondida na mata, toda arborizada, pequena, com uma estrutura antiga, com muito verde, uma horta grande. Ali também fui bem acolhido, ali me senti mais incorporado à equipe da escola, fazendo parte da comunidade escolar, ali pude organizar minhas dinâmicas e experimentar coisas novas, organizei meus interesses e desejos, organizei meus temas de acordo com o calendário escolar. O planejamento me ajuda bastante, mas eu sigo meu coração, sinto o momento, o planejamento é bom para ajudar a construir o momento, mas não me prendo nele. Ali atendia os anos iniciais e monitorava o recreio dos Jardins, seguia um cronograma e ia até a sala de cada turma, eram períodos curtos, com os pequenos não rolava de arredar mesas e cadeiras pra fora, daí tive que me adaptar a sala de aula comum. Quando dava eu levava as crianças pra rua e fazíamos teatro no pátio, na sala eu performava em leituras criando vozes e fazendo caretas, fiz amizade com a bibliotecária e vivia caçando livros, começo a ler as lendas clássicas, em seguida começo a ler as indígenas, as africanas, começo a me interessar por elementos da cultura popular e do folclore, faço leitura dramatizada e depois peço um desenho,

volto a me aproximar do desenho, performo desenhando no quadro, presenteio eles com retratos rápidos, aqui percebo que criei uma *persona* de professor, desenvolvi um *modus operandi*, o trabalho tinha organicidade, teve continuidade processual, exige pesquisa constante e abordagens diferentes, aqui percebo certa interdisciplinaridade, do teatro fui para leitura e contação de histórias, em seguida com os mesmos temas já estava propondo atividades de desenho e pintura, procurando conexões, relacionando saberes. Não participava dos conselhos de classe, mas conversava bastante com as professoras referências, a escola era pequena e não havia sala de artes, dependendo da proposição tinha que ficar carregando coisas de um lado pro outro. Outra característica é que é uma escola bastante inclusiva, uma sala de recursos bem equipada, conversava com frequência com o professor responsável que me orientava, me sugeria caminhos para lidar com as especificidades de alguns, entendi que tinha que estar atento, estudar e criar alternativas. Nesta escola fiz amizade com a profa Ana, ela trabalha com a pedagogia de projetos, a cada ano ela trabalha um tema diferente, com preocupação com as questões étnicos raciais, já lançou três livros em parceria com escolas indígenas, todo ano leva seu alunos para conhecer aldeia indígena, quilombo e asilo, é uma professora sempre em movimento, apaixonada pelo que faz. Acho a paixão importante, é força propulsora para tudo na vida, é força motriz de grandes transformações. Com a pandemia, o Projeto de Educação Integral da FECI quase acabou, fiquei entre os seis educadores que restaram, em 2021 e 2022 realizamos atendimento adaptados numa associação comunitária na zona sul, no Jardim Verde. Buscávamos de ônibus três escolas, oferecíamos lanche, turmas interseriais dos anos iniciais e dos finais do Ensino Fundamental, foi uma boa experiência, mas o espaço não era adequado. Em 2023 voltei para escola, desta vez no bairro Cristal, na região da Cruzeiro, no meio de um conflito de facções criminosas, região de grande vulnerabilidade social, na EMEF José Loureiro da Silva, onde fomos convocados para auxiliar no projeto de dança da escola, atendo duas turmas interseriais de anos iniciais, a escola bem estruturada, com um bom diálogo com a comunidade. O projeto de dança na escola é bem consolidado, acontece de 1984, com espaço próprio dentro da escola (batalha da comunidade escolar junto ao Orçamento Participativo), tem aulas de dança todos os dias da semana em todos os turnos, atende desde a Educação Infantil até o EJA, várias gerações de estudantes passaram pelo projeto, todo final de ano culmina na

apresentação de um espetáculo, alguns professores de dança são ex-alunos da escola, em 2024 se formou o grupo Diversidade e também pela primeira vez uma estudante da escola passou no vestibular da UFRGS para cursar Dança.

Figura 16 - Aprendizagem circular.



Fonte: SOUZA, Bruna, 2024. Projeto de Educação Integral - FECI na EMEF José Loureiro da Silva.

AÇÃO E MOVIMENTO

Em 2021 me aproximei de um grupo de jovens militantes dos movimentos sociais urbanos que estavam buscando organizar um coletivo de agitação e propaganda que tem a pintura mural como principal ferramenta. Como no passado participei de grupos de agitação e propaganda e *crews* de *graffiti*, topei tocar algumas oficinas e fazer algumas orientações, uma das primeiras oficinas foi numa atividade da semana da Consciência Negra em uma escola pública, onde o diretor me encomendou uma pintura do Mestre Moa (mestre de capoeira assassinado pelo bolsonarismo²). Fiz um estêncil gigante junto com meu filho mais velho, o Rudá, que

² BOLSONARISMO - É um recente movimento político da extrema-direita brasileira. baseado em ideias neoliberais e autoritárias, com elementos do neofacismo e da necropolítica, suas principais características são: conservadorismo, autoritarismo, militarismo, golpismo, negacionismo, messianismo e anticomunismo.

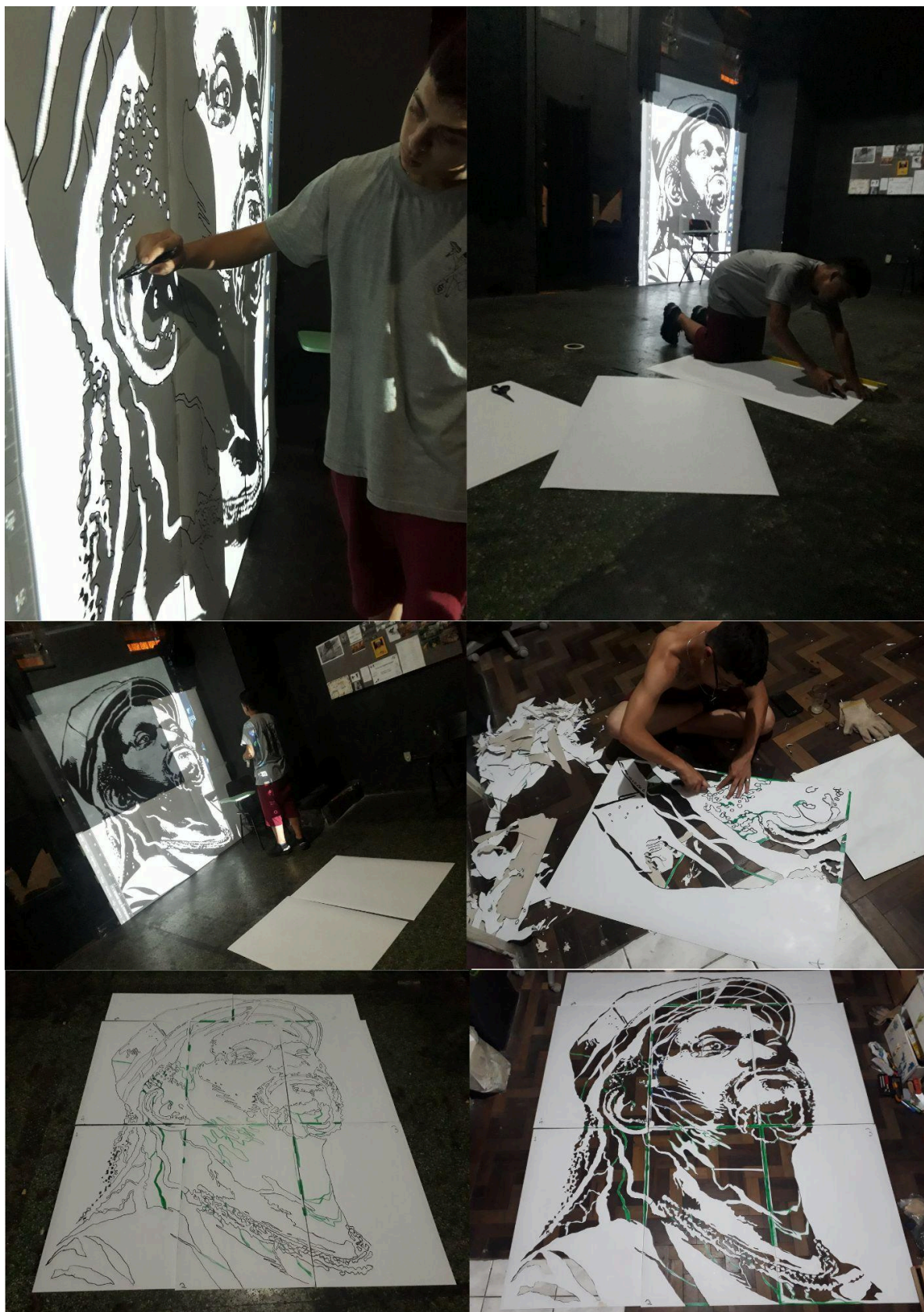
MESTRE MOA DO KATENDÊ - Romualdo Rosário da Costa (Salvador, 1954 —2018), conhecido como Mestre Mõa do Katendê, foi um compositor, percussionista, artesão, educador e mestre de

tem me ajudado a aplicá-lo, organizei a oficina em dois encontros, dois sábados abertos para os estudantes dos anos finais do Fundamental e familiares, e realizamos dois painéis, um coletivo e o do estêncil. Ali também imprimimos três cópias em papel *kraft* (que depois foram enviados para três centros sociais diferentes). Foi através do convite do conselho da comunidade escolar e numa construção com a equipe diretiva da escola que realizamos a oficina, que contou com um público pequeno mas participativo (era a transição de retorno ao presencial, pós pandemia), a repercussão nas redes sociais do painel do Mestre Moa rendeu outros convites. Apresentei o mesmo estêncil e o do Paulo Freire ainda em processo de construção, numa atividade da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) numa escola pública tradicional da cidade, no Instituto Estadual Rio Branco. Enquanto aplicava o estêncil do Mestre Moa fazia uma palestra sobre Arte Urbana, foram três turmas pela manhã e três turmas pela tarde, contextualizava falando do personagem e apresentava a técnica desenvolvida e falava sobre as manifestações de Arte Urbana, tudo num período escolar, logo de início envolvia alguns estudantes para auxiliar o Rudá na aplicação do Mestre Moa, outros pra cortarem o Paulo Freire, enquanto ia sendo produzido eu ia conversando e orientando, como acabava repetindo, acabei afinando o discurso, firmando alguns pontos e referenciais. A convite de um amigo professor de Geografia colamos o estêncil do Mestre Moa e do Mestre Freire numa atividade de fim de ano numa agitada escola pública da zona sul da capital, na EEEM Padre Reus, em 2023 participei colando o estêncil, numa feira literária da EMEF Aramy Silva, no mesmo formato aplicando e fazendo o painel, falando e conversando sobre Arte Urbana. Em abril de 2024 aplicamos o estêncil do Mestre Moa e do Paulo Freire na Escola Estadual Leopoldo Tietbohl, numa atividade do PIBID/UFRGS, e em setembro apliquei o Mestre Moa como proposição pedagógica na disciplina de Estágio II- Docência em Arte Visuais no Ensino Fundamental, na escola que trabalho como educador, na EMEF José Loureiro da Silva, ganhei do TioTrampo (meu amigo Luiz Flávio Vitola, pioneiro do Graffiti em Porto Alegre) um conjunto de estêncils de

capoeira brasileiro. Considerado um dos maiores mestres de capoeira de Angola da Bahia, começou a praticar capoeira aos oito anos de idade, no terreiro de sua tia, o Ilê Axé Omin Bain. Foi assassinado com doze facadas pelas costas após o primeiro turno das eleições gerais de 2018. Segundo testemunhas e a investigação policial, o ataque foi motivado por discussões políticas, após Moa declarar ter votado em Fernando Haddad. O agressor, apoiador do candidato adversário Jair Bolsonaro, teria discutido com o capoeirista e deixado a cena, voltando logo em seguida com o facão com o qual teria desfilado ao menos 12 facadas na vítima.

Adinkra que utilizei junto com os estudantes na composição do mural. O estêncil do Moa vem me trazendo algumas reflexões sobre Ação Pedagógica/Educativa/Social/Cultural/Artística, que sejam ações que dialoguem com a comunidade escolar, conversem com o meio, que fomentem o debate, que envolva os estudantes. Esse estêncil foi criado para ser usado uma vez e agora está estampado em seis escolas, e todos em processo educacional de compartilhamento de saberes, o estêncil se apresentou um excelente objeto propositor poético, pode ser utilizado de diversas formas, abordando os mais diversos temas, uma ferramenta interdisciplinar que proporciona bons diálogos e ações dinâmicas.

Figura 17 - Confeccção estêncil do Mestre Moa.



Fonte: Autoria própria, 2021. Confeccção estêncil Mestre Moa.

Figura 18 - Estêncil Mestre Moa.



Fonte: Autoria própria, 2021, EMEF Vereador Antônio Giudice.

Figura 19 - Estêncil Mestre Moa.



Fonte: Autoria própria, 2022. Instituto Estadual Rio Branco.

Figura 20 - Estêncil Mestre Moa.



Fonte: Autoria própria. 2022. EEEM Padre Reus.

Figura 20 - Estêncil Mestre Moa.



Fonte: Autoria própria, 2023. EMEF Aramy Silva.

Figura 21 - Estêncil Mestre Moa.



Fonte: Autoria própria, 2024. EEEF Leopoldo Tietbohl.

Figura 22 - Estêncil Mestre Moa.



Fonte: Autoria própria, 2024. EMEF José Loureiro da Silva.

TECENDO SABERES

Contar a minha história, é contar a história da minha família, é contar a história da minha comunidade, as histórias se entrelaçam, se enredam, se confundem, só consigo me entender enquanto sujeito montando este mosaico de histórias, histórias semelhantes de amigos, vizinhos, parentes, histórias distantes, conhecidas, ouvidas, vividas. Quando me dei conta, conto que faz mais de uma década que atuo como educador em ambiente escolar. Fui aprendendo como ensinar ensinando e aprendendo, num jogo de tentativas, acertos e erros, jogando com meu conhecimento, buscando formas de compartilhamento. A universidade tem me estimulado a pensar minhas estratégias e minhas referências, identifico algumas ideias na minha trajetória que posso desenvolver melhor, como 'Práticas Coletivas e/ou Práticas Artísticas', 'Ação Cultural' e/ou 'Ação Comunitária', 'Arte Pública e/ou Arte Urbana', 'Autonomia e/ou Autogestão', 'Identidade Cultural', 'Educação Integral', 'Educação Não-formal', 'Pedagogia Libertária'. Vendo o conjunto de ações de tempos e espaços diferentes, algumas certezas e muitas dúvidas compõem o escopo de um processo aberto, lançar uma proposição que a galera se envolva, que queiram fazer, que se divirtam e que absorvam alguma coisa, que de alguma forma sejam tocados, um espaço de troca de saberes, na maioria das vezes é mediar alguns assuntos, sem impor nada. Como educador trabalho com o teatro e as artes como linguagem, o corpo como ferramenta de expressão, é onde tenho domínio e experiência, venho caminhando num exercício de escuta, tentando facilitar o processo de aprendizagem, envolvendo os estudantes em processos criativos e investigativos, muitas vezes numa deriva onde vou jogando com meus saberes e fazeres, com o interesses e desejos dos envolvidos, processos coletivos sempre são complexos mas também muito enriquecedores, procedimentos práticos também exigem uma outra disposição, geram uma memória corporal, vários aspectos. Desde que ingressei na universidade tenho feito uma lenta transição para uma linguagem mais visual, outras expressividades. Vejo nas ações características que sempre valorizei, uma horizontalidade nas relações, relações prazerosas e estimulantes, um ambiente saudável de troca de saberes, uma aprendizagem quase invisível, aprender brincando, aprender com vontade, aprender com o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato aborda diferentes experiências e vivências em Arte Educação, compreendendo a influência de ações culturais e práticas coletivas no processo formativo e no desenvolvimento social.

A narrativa apresenta diferentes experiências de compartilhamento de saberes, de ensino e aprendizagem fora do ambiente escolar ou em diálogo com este, de projetos artísticos pedagógicos em sintonia com a comunidade, de projetos educativos comunitários. Constatei que determinadas ações culturais, práticas coletivas e diversos referenciais foram fundamentais na constituição e formação, tanto artística quanto docente do autor/pesquisador. Neste contexto posso afirmar a relevância da Identidade Cultural, do sentimento de pertencimento de determinados grupos sociais, de uma produção cultural comunitária, da pertinência da Ação Social mobilizadora, envolvente e transgressora, da Ação Cultural como processo de construção das condições necessárias para o alcance da autonomia, indo de encontro a uma Educação Integral, acessando diferentes e diversificadas ações educativas, interagindo com múltiplas linguagens e saberes, aproximando-se também de uma Pedagogia Libertária, num processo de aprendizagem aberta à participação ativa. Meu relato atesta a importância de Espaços Transformadores como o CECORES, a Terreira da Tribo, o Comitê de Resistência Popular, espaços de vivências e compartilhamentos, de convivências e ensinamentos, de enfrentamento das desigualdades.

Através dos pontos levantados percebe-se que são vários caminhos que se abrem a serem estudados, vários dos temas se conectam e se comunicam, algumas questões ainda encontram resistência no campo institucional ou com escasso material referencial, outras merecem mais espaço para serem melhor compreendidas, sugerindo uma continuidade e aprofundamento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Sandra. **Atuadores da Paixão**./Sandra Alencar. -Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura/FUMPROARTE, 1997.

ALBÁN ACHINTE, Adolfo. **Comunidade Criativa: uma pedagogia da imagem**. In.

BARBOSA. Ana Mae (ORG.). *Criatividade coletiva: arte e educação no século XXI*. São Paulo: Perspectiva, 2023.

ALBÁN ACHINTE, Adolfo. **Prácticas creativas de re-existencia. Más allá del arte...el mundo de lo sensible**. Colección El Desprendimiento, Buenos Aires, AR: Ediciones del Signo, 2017.

ALBÁN ACHINTE, Adolfo. **Pedagogías de la re-existencia. Artistas indígenas y afrocolombianos**. In: WALSH, Catherine (org.) *Pedagogías decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo I, Quito, Ecuador, 2013, p. 443-468.

ALBÁN ACHINTE, Adolfo. **Epistemes “Otras”: ¿Epistemes Disruptivas?** In: Revista KULA. *Antropólogos del Atlántico Sur*. n. 6, Abril de 2012. p. 22 – 34.

ALBÁN ACHINTE, Adolfo. **Artistas indígenas y afrocolombianos: entre las memorias y las cosmovisiones: estéticas de la re-existencia**.

In: PALERMO, Zulma. (org.). *Arte y estética en la encrucijada descolonial*. Buenos Aires: Del Signo, 2009. p. 83-112.

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**./Antonin Artaud; tradução Teixeira Coelho; revisão da tradução Monica Stahel. - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**./Augusto Boal. - 11ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BRITTO, Beatriz. **Uma tribo nômade: a ação do Ói Nóis Aqui Traveiz como espaço de resistência**./Beatriz Britto. -Porto Alegre: Terreira da Tribo Produções Artísticas, 2008.

CAVALCANTE, Rebeca. **Agitação e Propaganda como ferramentas da luta popular**./ Rebeca Cavalcante. Brasil de Fato. 16/11/2020. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2020/11/16/a-agitacao-e-propaganda-como-ferramenta-da-luta-popular> . Acesso em: 25/01/2024.

Coletivo Muralha Rubro Negra. Disponível em:

<https://muralharubronegrabrasil.blogspot.com/> . Acesso em 15/01/2024.

Fundação de Assistência Social e Cidadania - FASC. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/fasc/apresentacao-e-historico> . Acesso em 23/01/2024.

FLECK, Giovana. **Extirparam o câncer - O olhar de quem não tem direito a pertencer a cidade.** Especial Sul 21, 14/08/2017. Disponível em: <https://especiais.sul21.com.br/gentrificacao/extirparam-o-cancer-o-olhar-de-quem-nao-tem-o-direito-de-pertencer-a-cidade/>. Acesso em 27/09/2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.**/Paulo Freire, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KÜHNER, Maria Helena. **Teatro Popular: uma experiência.**/ Maria Helena Kühner. - Rio de Janeiro: F.Alves, 1975.

Investigação policial conclui que morte de Moa do Katendê foi motivada por briga política; inquérito foi enviado ao MP. G1 BA, 17/10/2018.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2018/10/17/investigacao-policial-conclui-que-morte-de-moa-do-katende-foi-motivada-por-briga-politica-inquerito-foi-enviado-ao-mp.ghtml> . Acesso em 25/01/2024.

LAGES, Paula Nunes. **RESISTÊNCIA CULTURAL Problematizando uma experiência como oficina de teatro do Projeto Descentralização da Cultura na Vila Maria da Conceição em Porto Alegre/RS.** Lume UFRGS. 2016. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/150864/001009650.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em 20/12/2023.

LAGES, Paula Nunes - **CIDADANIA TEATRAL: VIVÊNCIAS ARTÍSTICAS, PEDAGÓGICAS E POLÍTICAS EM OFICINAS DE TEATRO DO PROJETO DESCENTRALIZAÇÃO DA CULTURA, DE PORTO ALEGRE – RS (1994 – 2018).** Lume UFRGS. 2018. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/202254/001107618.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 20/12/2023.

LEANDRO, Renan. **Mais Cultura na Nossa Senhora do Carmo.** Teatro na Tinga. 21/07/2015. Disponível em:

<https://teatronatinga.blogspot.com/search/label/MAIS%20CULTURA%20NAS%20ESCOLAS%21> . Acesso em 14/01/2024.

LERINA, Roger. **Paulo Flores: um teatro com pedras nas veias.**/Roger Lerina. -Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2019.

MASSA, Clóvis Dias. **Histórias incompletas: as oficinas populares de teatro do projeto de descentralização da cultura.**/Clóvis Dias Massa. - Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2004.

MOCELIN, Daniel G. **“Pra Que(m) Serve teu conhecimento?” UFRGS, 2008.** Fato Sociológico. 16/02/2011. Disponível em: <https://fatosociologico.blogspot.com/2011/02/no-dia-30-de-setembro-de-2008-terca.html> . Acesso em 17/12/2023.

O bofe nas vilas de malocas, Rua da Margem, 21/09/2019. Disponível em: <https://www.ruadamargem.com/cultura/o-bofe-nas-vilas-de-malocas>. Acesso em 28/06/2024.

Ói Nóis Aqui Traveiz Poéticas de Ousadia e Ruptura./organizado por Paulo Flores e Tânia Farias. -Porto Alegre: Terreira da Tribo Produções Artísticas, 2014.

Ói Nóis Aqui Traveiz: a história através da crítica./organizado por Rosyane Trotta. -Porto Alegre:Terreira da Tribo Produções Artísticas, 2012.

PEIXOTO, Fernando. **Brecht: uma introdução ao teatro dialético.**/Fernando Peixoto. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. (Coleção Teatro; v.6)

Programa mais Cultura nas Escolas. Secretaria Estadual da Cultura. 07/05/2013. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/programa-mais-cultura-nas-escolas> . Acesso em 19/12/2023.

Projeto de Educação Integral. Fundação de Educação e Cultura do Internacional FECI. - Disponível em: <https://internacional.com.br/feci> . Acesso em 22/12/2023.

RUDUIT, René - **A construção do pictórico: acúmulo e sobreposições**, acúmulo e sobreposições. Lume UFRGS. 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56365/000860373.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 21/12/2023.

SANTOS, Valmir (Organizador). **Aos que virão depois de nós - Kassandra in process: O desassombro da Utopia.**/Valmir Santos. -Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005, 2º edição.

SOARES, Manoel. **Os zumbis da pedra.**/Manoel Soares e Marcos Cena. - 1ª ed. -Porto Alegre: BesouroBox, 2011.

Teatro na Tinga. Disponível em: <https://teatronatinga.blogspot.com/> . Acesso em: 16/01/2024.

Utopia e Luta. Disponível em: <https://utopia-e-luta.blogspot.com/> . Acesso em: 17/01/2024.

VECCHIO, Rafael. **A utopia em ação**./Rafael Vecchio. Porto Alegre: Terreira da Tribo Produções Artísticas, 2007.

Vivenciando a cultura na Restinga./Alex Pacheco...[et al.][Organizadores]. -Porto Alegre: Ed.UFRGS,2007.

O Atuador. Ói Nós Aqui Traveiz. video 3min2s. , Disponível em: https://youtu.be/CSr99PiZMXA?si=Jxa_KwrnXQ7jcja_ . Acesso em 14/01/2024.

O que é a Restinga. Documentário. video, 5min34s. Disponível em: https://youtu.be/xjh_RgXZzZA?si=FzmSQJGAKPB_hy9G . Acesso em 13/01/2024.

Oficina de Teatro na Restinga. TV Restinga. video, 10min54s. Disponível em: <https://youtu.be/BERNJB3pQng?si=oldGYi1TnbX1Ltl0> . Acesso em: 09/01/2024.

Restingueiros de todos os cantos. video, 3min43s. Disponível em: <https://youtu.be/5DLAb1xI5LA?si=4dOHSRDMNvtn64IH> . Acesso em: 17/01/2024.

Pra que(m) serve teu conhecimento?. vídeo, 2min33s. Disponível em: https://youtu.be/on1fhK6Q9OE?si=ebXTSwOmuziCTr_b . Acesso em 15/01/2024.

Protesto não é crime. video, 3min11s. Disponível em: <https://youtu.be/nSEj81ALHS0?si=2FI9KZi2glQBgRaX> . Acesso em: 15/01/2024.

2,45 é Roubo!. vídeo, 5min39s. 2010. Disponível em: <https://youtu.be/SJVfDX1YKGM?si=qkaez9H6efqPG5s> . Acesso em 15/01/2024.

Sem Perdão. video. 5min32s. 2008. Disponível em: <https://youtu.be/JHRhrccNckw?si=RB5lURWqaAw9y0L5> . Acesso em 15/01/2024.

Fábrica de Mentiras!. video.3min21s.2009. Disponível em: <https://youtu.be/logAp8CO7Pw?si=i6p8o01sBnDixDVg> . Acesso em 15/01/2024.

Utopia e Luta. Fora do Eixo TV. video, 3min16s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nLgdW-GHRY4> Acesso em 16/01/2024.

Tecendo Saberes. video, 5min43s. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/4W78K3jHtFQ?si=eMfouurLuH-ZoNhY> . Acesso em: 17/01/2024.